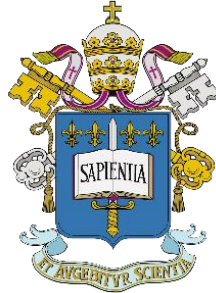


PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA



PUC-SP

OS DOIS (NÃO) MORREM NO FINAL: PSICANÁLISE, LITERATURA E
ADOLESCÊNCIA

Jonathan Santos Soares

SÃO PAULO

2024

JONATHAN SANTOS SOARES

**OS DOIS (NÃO) MORREM NO FINAL: PSICANÁLISE, LITERATURA E
ADOLESCÊNCIA**

UTOPIAS PARA AQUELES QUE VIVEM EM UM MUNDO DISTÓPICO

Trabalho de Conclusão de Curso, como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia sob orientação do Prof. Ricardo Radin Bueno.

SÃO PAULO

2024

AGRADECIMENTOS

A todos meus colegas da Pontifícia Universidade Católica que me apoiaram nessa pesquisa, me incentivaram e compartilharam do meu entusiasmo pela literatura, psicanálise e os efeitos desse encontro, muito obrigado.

Agradeço a minha família, meu pai Benjamim Soares Neto e Simone Aparecida dos Santos Soares, por tanto esforço e por acreditarem na minha escolha da psicologia e psicanálise como um possível caminho de vida.

Aos professores de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica, porque seus ensinamentos, independente da abordagem, me formaram um profissional sensível e atento à escuta.

Em especial, ao meu orientador e professor Ricardo Radin Bueno, por ampliar meu contato com a psicanálise, tanto nas aulas, quanto nos incentivos à pesquisa e a oportunidade da monitoria em Freud. A professora Clarissa Metzger e também ao professor Paulo José Carvalho da Silva pela oportunidade de fazer parte da monitoria em Lacan e o aprendizado decorrido de tal experiência. E a professora Paula Peron pelas contribuições e indicações de leitura para este Trabalho de Conclusão de Curso.

Outras duas figuras essenciais no desenvolvimento dessa pesquisa, a Profa. Dra. Dinamar Aparecida Gaspar Martins por acreditar na minha pesquisa, pela sensibilidade na condução do projeto e pelo incentivo a trabalhar com uma temática tão delicada, mas tão necessária nos tempos atuais. Por fim, Meire Cristina, uma colega de trabalho, que por meio das contribuições, indicações de leitura e conversas, me mostrou o quão relevante é trabalhar com literatura, e o impacto que ela possui em nossas vidas.

É necessário viver a vida ao limite, não segundo os dias, mas segundo a profundidade. Não é preciso fazer o que vem depois, se alguém sente que tem mais participação do que vem ainda depois, no longínquo, na mais remota distância. Pode-se sonhar enquanto os outros salvam, se esses sonhos são mais reais para alguém do que a realidade e mais necessários que o pão. Numa palavra: é preciso tornar a mais extrema possibilidade que alguém traz em si o critério de sua vida, pois nossa vida é grande e acomoda tanto futuro quanto somos capazes de carregar.

Rainer Maria Rilke

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
ORIENTAÇÃO DA PESQUISA	5
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	6
“OS DOIS MORREM NO FINAL”	6
O QUE É UM LEITOR?	8
ENTRE PSICANÁLISE E LITERATURA	10
ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE	12
O DESEJO E A FINITUDE	15
O INFAMILIAR E A TRANSITORIEDADE	19
OBJETIVO	26
OBJETIVO GERAL	26
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	26
MÉTODO	27
PROCEDIMENTOS	30
ANÁLISE E DISCUSSÃO	31
CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS	31
CONTEXTO E CULTURA	32
MORTE, TRANSITORIEDADE E LUTO	34
UTOPIAS: UMA ALTERNATIVA PARA AQUELES QUE VIVEM	38
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
ANEXOS	46
ANEXO 1 - TCLE	46
ANEXO 2 - TALE	48
ANEXO 3 - QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS	50
ANEXO 4 - ENTREVISTA 1	51
ANEXO 5 - ENTREVISTA 2	58

RESUMO

SOARES, J.S. Os dois (não) morrem no final: Psicanálise, Literatura e Adolescência

Com base na temática de finitude presente na obra “Os dois morrem no final” essa pesquisa teve como fio condutor a investigação da articulação entre Psicanálise e Literatura. Para isso, a abordagem utilizada foi a pesquisa empírica qualitativa, com entrevista semi-diretiva estruturada a fim explorar o impacto da leitura em adolescentes de 15 a 20 anos que leram o livro citado. Compreender se a leitura teve um efeito construtivo ou negativo; como cada entrevistado lida com a temática da finitude; e se a leitura contribuiu no enfrentamento dos próprios conflitos, na construção da sua identidade, e nos modos de ser e estar no mundo. Foi necessário o preenchimento e assinatura de um termo de assentimento e/ou consentimento. Concluiu-se que o efeito advindo da leitura foi singular e complexo, variou de acordo com o histórico de vida de cada um, além do contexto de vida em que o livro foi lido. Algumas categorias emergiram, tais como: Contexto e Cultura; Morte, Transitoriedade e Luto; Utopias. De todo modo, concomitantemente, efeitos construtivos e negativos foram possíveis de serem observados, segundo relatos na entrevista. Estimularam o desejo de viver, buscar novas possibilidades, e até mesmo como parte de um processo de ressignificação do luto em suas vidas.

Palavras-chave: psicanálise; literatura; finitude; lgbt; adolescência;

INTRODUÇÃO

ORIENTAÇÃO DA PESQUISA

Viver é a coisa mais rara do mundo. A maioria das pessoas apenas existe. (Oscar Wilde, 1891)

Essa pesquisa tem como base o interesse do autor em articular duas áreas, a literatura e a psicanálise. A psicanálise possui uma forte influência da literatura tanto no seu processo de desenvolvimento por Freud, quanto a própria psicanálise exerceu sua influência sobre a literatura (Villari, 2000).

Com base o objetivo de se estabelecer um diálogo entre essas duas áreas, a pesquisa investigará os efeitos que a leitura provoca no leitor adolescente a partir daqueles que leram o livro chamado *Os dois morrem no final*, obra de Adam Silvera, um grande nome na literatura infantojuvenil LGBTQIAPN+¹.

O livro em questão se passa em uma sociedade distópica onde existe uma instituição chamada Central da Morte, que recebe informações privilegiadas de quais pessoas irão morrer no dia. As notícias são divulgadas por meio de uma central de telemarketing, em que operadores ligam para os “terminantes”, palavra utilizada para caracterizar aqueles que terão as suas últimas 24 horas de vida. O operador de telemarketing transmite a notícia logo à meia noite, ou seja, no início do dia, que é quando as ligações começam. Pouco se sabe sobre a instituição, o como ela adquire as informações, a causa da morte, o horário exato, sobre as pessoas que recebem a ligação. Mas de uma coisa se tem certeza, a de que aqueles que a Central da Morte liga, seu destino é inevitável, todos têm apenas um dia de vida, e precisam saber como aproveitá-lo.

Por fim, dentre alguns questionamentos enquanto aluno de graduação que motivaram e servem de orientação para a pesquisa estão: Por que o encontro com a morte é paralisante para alguns e é fonte de potência, desejo e vida para outros? Qual o impacto de saber sobre a própria morte tal qual os personagens do livro? Por que o desejo de viver (ou viver diferente) surge na iminência da morte? E a pergunta central da pesquisa, qual o impacto psicológico para adolescentes (entre 15 e 20 anos) da leitura de um livro (“Os dois morrem no final”) que trata a finitude?

¹ LGBTQIAPN+ representa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans (Travestis e Transsexuais), Queer, Interssexo, Assexuais, Panssexuais, Não-binários, entre outros. Todos se caracterizam como modos de expressão que ilustram a diversidade da identidade de gênero e sexualidade presentes na humanidade. Fonte: <https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/> Acesso em 20 jun. 2023.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

“OS DOIS MORREM NO FINAL”

Toda a literatura consiste num esforço para tornar a vida real. [...] Dizer! Saber dizer! Saber existir pela voz escrita e a imagem intelectual ! Tudo isso é quanto a vida vale: o mais é homens e mulheres, amores supostos e vaidades factícias, subterfugios da digestão e do esquecimento. (Fernando Pessoa, 1930)

O livro *Os dois morrem no final* é uma criação de Adam Silvera, publicado em 2021 pela editora Intrínseca e traduzido por Vitor Martins. Originalmente publicado como *They both die at the end* pela editora Quill Tree Books em 2018. Segundo o site da Amazon, o livro ocupou o terceiro lugar, portanto está entre os livros mais vendidos na categoria: “Ficção LGBTQ+ para Jovens Adultos”; e em quarto lugar na categoria: “Romance para adolescentes: Contemporâneo”.

Tal livro teve inspiração na vida do autor, que diz que o assunto da finitude sempre o acompanhou e que sempre quis saber o dia em que iria morrer, o seu dia final, para então poder viver. Segundo o autor, em um ensaio ao fim do livro citado:

Desde que anunciei o título deste livro, muitas pessoas me perguntaram por que eu decidi estragar o final. Mas será que estraguei mesmo? (...) Todas as minhas obras publicadas até agora giram em torno da mortalidade, porque morrer antes da hora, como infelizmente acontece com Mateo e Rufus, sempre foi um dos meus maiores medos. (...) Então, sim, talvez eu tenha estragado a experiência de leitura para algumas pessoas. Porém, na verdade, tenho um spoiler ainda maior para todo mundo: todos vamos morrer no final. Cada um de nós. Porém, mais uma vez, o jeito como morremos ou o fato de que vamos morrer não é o que importa. Não posso responder a essa pergunta, mas espero que ela fique em sua mente todos os dias: como nós vivemos? (Adam Silvera, 2018, p. 397)

Segundo Hilário (2013), a cultura consegue por meio da narrativa literária, refletir sua própria imagem constitutiva, ou seja, a cultura produz um olhar sobre si mesma, um olhar reflexivo, e é esse o papel da narrativa literária. Na atualidade, essa é uma urgência visto que os espaços destinados à disseminação cultural e aperfeiçoamento da civilização se tornaram grandes palcos de atos de barbárie. Além disso, a literatura não apenas retrata a realidade como ela é, mas sim atua como uma forma de experienciar um contexto social, uma vivência específica. Dessa forma, ao passo que a literatura retrata a realidade representando-a, também a constrói apresentando novas possibilidades, em um movimento dialético, à medida que lança novas significações.

A narrativa literária do livro *Os dois morrem no final* é caracterizada por um gênero chamado “distopia”, um subgênero da ficção científica. O caráter distópico é representado

principalmente por uma instituição que existe no livro e que foi chamada de “Central da Morte”, capaz de prever o dia em que as pessoas morrerão e avisá-las com o máximo de antecedência possível. No caso as ligações partem de uma central de telemarketing da própria instituição.

As ligações começam meia noite, e a ideia é de que todos fossem avisados no começo do dia, para que aproveitem seu último dia. Além disso, o trabalho no telemarketing é ironizado pelo autor, ao dizer que apesar de os trabalhadores passarem o dia inteiro ligando para os “terminantes”, e avisando diversas pessoas que era o seu dia final. O trabalho é insalubre, por conta do estresse em que os trabalhadores estão submetidos, a bater metas de ligações em um dia e, além do fato de talvez eles mesmos receberem uma ligação. O autor ironiza contando que o escritório é asséptico e harmônico, com diversos estímulos relaxantes, sala de descompressão, e que o trabalho possui diversos cuidados com a saúde do trabalhador, o que não é real. Por ser um trabalho que estimula a frieza de terminar uma ligação e ir para a próxima, lidar como se os indivíduos não tivessem uma história, não possuíssem valor, importância na vida de outras pessoas, e muitos ligam apenas com a finalidade de atingir metas e serem reconhecidos como funcionários do mês.

Essa lógica de funcionamento altera completamente o modo como a sociedade passa a se organizar a partir dessa informação, mas, segundo o criador da “Central da Morte”, no volume dois *O primeiro a morrer no final*, o que motivou a criação dessa instituição foi seu desejo de que as pessoas pudessem aproveitar suas últimas horas de vida e finalmente viver.

O criador da “Central da Morte” partiu de uma ideia utópica de que o mundo seria melhor se as pessoas soubessem quando iriam morrer. E para tratar a ideia de distopia, é necessário entender inicialmente o que é utopia. A utopia, segundo Hilário (2013) é ao mesmo tempo um gênero literário que trata a sociedade a partir de uma narrativa de felicidade plena, ao passo que deixa implícito um discurso político que procura expor a cidade justa para todos.

Etimologicamente, significa *u-topos* (lugar nenhum). No consagrado escrito de More (2009), a capital da Ilha de Utopia é Amaurote, a não-visível, que fica às margens do rio Anhydria, sem água, cujos habitantes são os Alaopolitas, sem cidade e assim por diante. Cumpre destacar como este significado da palavra é o traço de definição da utopia, marcando o lugar do absolutamente outro capaz de fornecer a crítica do presente (CHAUÍ, 2012, p. 361). O utopista é aquele cuja função é deslocar a fronteira daquilo que os contemporâneos julgam possível, no sentido positivo e emancipatório. Por isso, salienta Chauí (2012, p. 376), o prefixo negativo *u* é a condição implícita de outro prefixo grego, mais positivo, *eu*, que indica nobreza, justeza, abundância. Deste modo, utopia, lugar nenhum, significa também eutopia, lugar feliz. Trata-se de enfatizar que as condições que nos permitem ser livres já existem em potência. A utopia antecipa, em certa medida, o movimento conhecido como Esclarecimento, onde a confiança na possibilidade de a Razão, livre dos dogmas, construir uma sociedade justa no decorrer do curso histórico é um pilar fundamental de sustentação ideológica. Progresso é o nome dado ao constante avanço da ciência e tecnologia na direção do controle da natureza, do conhecimento do mundo e sua transformação

social em direção ao bem-estar dos indivíduos. Dois séculos depois, contudo, as Luzes passaram a ofuscar mais do que iluminar. (Hilário, 2013)

Partindo do ponto de que as luzes passaram mais a ofuscar do que iluminar, a ideia de utopia no século XX desencadeou na distopia (Hilário, 2013). As distopias buscam aquilo que é tenebroso, denunciam tendências contemporâneas que colocam em risco a liberdade (Jacoby, 2007 p. 40). Desse modo, cabe às distopias analisar essas distorções, essas sombras que foram criadas pelas luzes da utopia, na qual iluminavam em excesso o presente, e perdiam de vista o futuro (Hilário, 2013). A palavra distopia deriva,

Distopia é a palavra formada pelo prefixo *dis* (doente, anormal, dificuldade ou mal funcionamento) mais *topos* (lugar). Num sentido literal, significa forma distorcida de um lugar. Neste caso se referindo a um curso anormal e inesperado de acontecimentos que compõem determinada forma social. Acrescente-se a isso que a distopia não é o contrário da utopia, não se configurando enquanto antiutopia. Pois ela não é avessa a todo e qualquer tipo de utopia, como se esta fosse essencialmente perigosa e necessariamente descartável. As distopias problematizam os danos prováveis caso determinadas tendências do presente vençam. É por isso que elas enfatizam os processos de indiferenciação subjetiva, massificação cultural, vigilância total dos indivíduos, controle da subjetividade a partir de dispositivos de saber etc. A narrativa distópica é antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica. (Hilário, 2013)

Por fim, o autor narra que a distopia procura “soar o alarme” que nada mais do que serve de aviso pois, em caso de as forças opressoras que fazem parte da realidade atual, no presente, continuem vencendo, nosso futuro se direciona ao caos, catástrofe e barbárie (Hilário, 2013). Nada mais é do que um aviso de incêndio, que é muito bem retratado por autores distópicos, que nada mais são do que utopistas negativos e que, diferentemente do que o autor chama de utopistas projetistas como Morus e Skinner, não buscam descrever em detalhes como seriam a sociedade emancipada, mas sim apontam um futuro permeado de opressão. De modo que ferramentas aparentemente destinadas à liberdade, acabam por fim aprisionando os indivíduos e se tornando, portando, instrumentos de dominação (Hilário, 2013).

O autor de *Os dois morrem no final* talvez esteja alertando o leitor do como lidamos com as nossas vidas, e com as vidas de outras pessoas, nos alertar para quanto nos importamos com o presente, e o quanto olhamos para a vida para além de trabalhar, ganhar dinheiro e ter sucesso na nossa carreira.

O QUE É UM LEITOR?

Por se tratar de uma pesquisa com leitores, se faz necessário conhecer exemplos de como são as significações dadas pela própria literatura a um leitor, ou como é essa experiência de ler. Para tanto, é possível trazer à tona um trecho de Piglia (2006):

Para poder definir o leitor, diria Macedônio, primeiro é preciso saber encontrá-lo. Ou seja, nomeá-lo, individualizá-lo, contar sua história. A literatura faz isso: dá ao leitor um nome e uma história, retira-o da prática múltipla e anônima, torna-o visível num contexto preciso, faz com que passe a ser parte integrante de uma narração específica. A pergunta 'o que é um leitor?' é, sem sombra de dúvida, a pergunta da literatura. Essa pergunta a constitui, não é externa a si mesma, é sua condição de existência. E a resposta a essa pergunta - para benefício de todos nós, leitores imperfeitos porém reais - é um texto: inquietante, singular e sempre diverso. (Piglia, 2006, p. 15)

Segundo Piglia, no capítulo “o que é um leitor?” de seu livro *O último leitor* trata-se essa a pergunta a ser respondida pela literatura, ou seja, essa é a pergunta que inaugura a literatura, o que a compõe. Quando se escreve um texto para alguém, para um leitor, aquele que escreve precisa imaginar que tipo de leitor lerá, uma mensagem que é endereçada para um outro. Esse outro, é um leitor sobretudo um leitor que não é perfeito, aquele que irá perder o foco em momentos de leitura, que em algum momento irá se deslocar da leitura, lembrar do cotidiano, da comida que precisa fazer, do dia de trabalho, do cansaço que está sentindo, do incômodo no sapato.

Sempre há um furo, uma parte que falta, o leitor não capta tudo na sua leitura, não entende as pausas, as mensagens que por vezes passam despercebidas e, da mesma forma, acontece com aquele que escreve, de não se comprometer em escrever tudo. Somos leitores imperfeitos, porém, acima de tudo, reais (Piglia, 2006). Cada um lê de uma forma, cada um se encanta e se espanta com coisas diferentes, o universo da leitura é diverso.

Hamlet entra lendo um livro imediatamente depois da aparição do fantasma do pai, e o fato é imediatamente percebido como um sinal de melancolia, um sintoma de perturbação. Em seu Diário, Kafka se referiu à própria estranheza perante a excisão que acompanha o ato de ler. “Enquanto eu lia Beethoven e os apaixonados, passavam-me pela cabeça diversos pensamentos que não tinham a menor relação com a história que eu estava lendo (pensei no jantar, pensei em Lowy, que esperava por mim), mas esses pensamentos não me entorpeciam a leitura, que justamente hoje foi muito pura.” A vida não se detém, diria Kafka, somente se separa daquele que lê, segue seu curso. Há um certo desajuste que, paradoxalmente, a leitura viria a exprimir. (Piglia, 2006 p. 16)

Com base nessa perspectiva do texto *O que é um leitor?*, no livro citado, o autor se compromete em analisar as figurações do leitor na literatura, ou seja, suas representações imaginárias da arte de ler na ficção. O esforço foi de articulação de uma história imaginária dos leitores, e não o de formular qual foi a história da leitura nas civilizações ao longo do tempo. Nesse sentido é necessária uma certa precisão nas palavras, pois, o que está em jogo no discurso de Piglia (2006) não é entender o que é ler, ou como é o sujeito que lê, onde ele está lendo, para qual finalidade, em quais condições ou qual é a sua história. Sabe-se que tudo isso importa na hora da leitura, pois trata-se de uma leitura que é feita por sujeitos, porém, esse não foi o foco da reflexão.

Quanto ao projeto de pesquisa, que envolve a articulação entre as áreas de psicanálise e literatura, tem se mostrado um diálogo possível, e um terreno proveitoso para explorar uma relação antiga e imbricada em suas bases epistemológicas. Desse modo, caberão parte das questões citadas acima, nas quais Piglia não se comprometeu, pois, será necessário conhecer minimamente, ou de modo breve, a história desse sujeito que o levou a ler tal livro. Dessa forma, conhecer também os desdobramentos que tal leitura teve, na história de vida desse leitor adolescente que leu *Os dois morrem no final*.

ENTRE PSICANÁLISE E LITERATURA

Com a intencionalidade de inaugurar essa discussão primordial para esta pesquisa, mas que não ficará restrito apenas a esse autor, a partir da relação entre psicanálise e literatura, mencionada por Ricardo Piglia. Segundo um trecho de sua entrevista para o jornal Folha de São Paulo (1998):

A relação entre psicanálise e literatura é, sem dúvida, tensa e conflituosa. Em primeiro lugar, os escritores sempre sentiram que a psicanálise falava de algo que eles já conheciam e sobre o que era melhor guardar silêncio. Faulkner, Nabokov, Borges (entre outros) observaram que o psicanalista quer intervir naquilo que os escritores, desde Homero, têm convocado com essa rotina cerimoniosa com que se convocam as musas, em relações muito frágeis e sempre tocadas pela graça. Nessa relação impossível de se estabelecer deliberadamente, nessa situação de espera tão sutil, os escritores sentiram que a psicanálise avançava como um louco furioso. (Piglia, 1998)

O comentário sobre a relação entre essas duas áreas deixa implícito o tipo de sensibilidade que essa pesquisa exigirá: a de não “psicanalisar” a literatura, propondo análises selvagens sobre personagens do livro, ou análises superficiais sobre os entrevistados, a partir da leitura do livro e da literatura LGBT em si (Piglia, 1998).

Villari (2000), traz questões interessantes para se pensar essa relação de maneira histórica, e uma relação que foi inaugurada por Freud

É Sigmund Freud quem inaugura essa relação, criando um campo de diálogo, a nosso ver, privilegiado. Esse espaço abre um leque de relações muitas vezes duvidoso e problemático. Sobre essas dúvidas, gostaríamos de falar neste ensaio, acerca daquilo que consideramos como possibilidades e impossibilidades, limites e trocas prováveis entre a Psicanálise e a Literatura. (...) É importante destacar que aquilo que chamamos aqui possível ou impossível remete não à possibilidade de articulação, - o que já foi feito repetidas vezes nos trabalhos onde se tenta relacionar a Psicanálise e a Literatura - mas ao efeito de produção em termos de descoberta; quer dizer, quando o trabalho não se esgota no reencontro da teoria psicanalítica conhecida, no texto literário. Como veremos mais adiante, concebemos este efeito de produção em termos de acréscimo à teoria psicanalítica conhecida; enquanto condição propiciatória de aproximação ao real da prática psicanalítica. (Villari, 2000).

Algo que é mencionado pelo autor é a proposta de interdisciplinaridade² na qual não significa retomar um assunto ou tema e convocar diversas disciplinas ou áreas do conhecimento, mas sim criar um objeto novo que não pertença a ninguém. A esse novo objeto entende-se pelo próprio texto escrito (Barthes, 1988, p.99).

Num primeiro momento, Freud se debruça no texto literário com a finalidade de analisar o autor, pois esbarrava em questões acerca da “origem do gênio”, da diferença criadora e para a tentativa de reconstrução fantasmática do autor (Villari, 2000). De modo que reducionismos, ainda que nas mãos mais habilidosas era algo relativamente inevitável.

Em um segundo momento, o que ocorre é a convocação da literatura como uma alternativa para se explicar aquilo que a psicanálise não conseguia dar conta (Villari, 2000), como a utilização de mitos com a finalidade de pôr em reflexão a própria elaboração teórica da psicanálise. A partir dessa forma de se enxergar um texto literário, duas vias são inauguradas,

Quer dizer, por um lado parece estabelecer-se entre a Literatura e a Psicanálise uma relação aditiva onde se tenta acrescentar sentidos ao texto literário a partir da interpretação psicanalítica. Por outro lado, vislumbra-se uma atitude que poderíamos chamar de extrativa, interessada em procurar resgatar do literário a particularidade que pudesse nutrir a Psicanálise (Villari, 2000).

O autor trata como o impossível da relação entre literatura e psicanálise o ato de utilizar a teoria psicanalítica no interesse do texto literário. Uma relação de mão única na qual o objeto literário dava suporte à teoria freudiana, reduzindo portanto, a psicanálise a um mero instrumento interpretativo, na qual sempre buscava desvendar o sentido oculto, deixando implícito uma noção de “inconsciente do texto literário” (Villari, 2000).

O inconsciente do texto partiu da noção de excluir portanto o autor e passando a privilegiar o texto, deixando de lado a prática de colocar o “autor no divã”. Desse modo, era trabalhado a narrativa de maneira análoga ao como o analista tratava seu analisando, a prática foi denominada “Textanálise” (Villari, 2000). Porém quando se falava em inconsciente, o conceito de sujeito não poderia estar em falta, enquanto foi negado o autor, também foi negado o sujeito, e a partir dessa problemática, uma alternativa surgiu, o conceito de “Proto-texto” (Villari, 2000).

O “Proto-texto” consistia em um rascunho do texto lido em que era possível observar o movimento de escrita, desse modo, não se falava mais em “inconsciente do texto”, mas sim do

² Esse conceito aparece em um livro de Roland Barthes (1988), na qual Villari (2000) se utiliza de uma citação no artigo para explicar o porquê de utilizar essa terminologia. Barthes, R. (1988). Da leitura. Em O rumor da língua São Paulo: Brasiliense. pp.43-52. Trad. Mário Laranjeira.

trabalho “inconsciente da escritura”. Nesse sentido, era possível encontrar o sujeito no texto através dos mecanismos do inconsciente: ato falho, sonho, chiste e sintoma (Villari, 2000).

Todavia, o equívoco parece estar em pensar que o texto teria, ele próprio, um inconsciente, quando na verdade o texto diz, na medida em que é lido. Convocamos então a figura do leitor. É este quem possibilita que o texto diga através dele, introduzindo-se nas possibilidades de análise. Nesse sentido, poderíamos dizer que o texto não diz nada, quem diz é o leitor. O que nos leva a deslocar a idéia de “trabalho inconsciente da escrita” para propormos a de “trabalho inconsciente de leitura” e as possibilidades que esta leitura tem através de uma outra escrita. Podemos propor assim, através da leitura, a transmissão do desejo do escritor, ao modo do desejo do analista (Villari, 2000).

É a partir dessa argumentação que a pesquisa é orientada, enquanto um recorte dessa relação complexa que embasou a criação e o desenvolvimento da própria psicanálise em diálogo com a literatura. O foco se dará a partir do leitor, e vale ressaltar, que essa pesquisa não fará uma análise do leitor com base em apenas um encontro, mas sim de conhecer os efeitos que a leitura (e a literatura) provocou naquele que leu.

ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE

A adolescência foi e ainda é objeto de estudo de diversas áreas, para ilustrar um pouco da diversidade conceitual acerca deste tema, adolescência, podemos nos valer do seguinte trecho:

Apesar da adolescência não ser propriamente um conceito da Psicanálise - nem em Freud, nem em Lacan - sua abordagem neste campo apresenta suas especificidades. Diferencia-se da psicologia do desenvolvimento que a define como uma etapa de crise mais ou menos normal, da fisiologia que descreve as modificações puberais, no sentido da maturação do corpo e da definição que enfatizam o aspecto ritual do ingresso do indivíduo num circuito de trocas sociais. Considerando a importância de cada um destes aspectos, a abordagem do tema “adolescência” na Psicanálise - sobretudo pelos autores ditos “lacanianos” - a tem definido como uma operação psíquica de reinscrição do sujeito na relação com o Outro. (Becker; Poli, 2004)

Para a psicanálise lacaniana, o sujeito adolescente é aquele que se encontra em crise por ter que realizar uma operação denominada adolescência (Becker; Poli, 2004). A operação a ser trabalhada é a tentativa de passagem entre dicotomias, a posição de objeto e a posição de sujeito de desejo. O que o sujeito adolescente precisava entender é que, de acordo com Becker e Poli (2004), anteriormente, o desejo não lhe pertencia, mas lhe era ofertado por um Outro. Além do fato de que essa até então criança, também era e ainda é, objeto de desejo para esse Outro. A partir da entrada da adolescência, uma outra questão se sobressai, a de que o sujeito adolescente precisa se reinscrever no laço social enquanto um sujeito de desejo, que pode e deve assumir uma autonomia pelo seu desejo.

E essa crise se relaciona com outros três elementos: entender de que há um gozo possível fora do laço familiar; outro que mostra a experiência de uma nova erotização do corpo na relação com o Outro sexo; e a possibilidade de novas inscrições simbólicas acerca de si mesmo, e na inserção desse sujeito em grupos não ordenados pela lógica das relações primárias (Becker & Poli, 2004).

Segundo Becker e Poli (2004), a operação adolescente se resume a uma tentativa de passagem entre dicotomias, entre uma posição de objeto e uma posição de sujeito de desejo. Não com a expectativa de resolver essa dicotomia, por serem inerentes à própria condição do sujeito, mas de na verdade, conseguir sustentar essa dicotomia. Além disso, situações de perda, podem desencadear novamente nesse processo de "crise adolescente", exemplos disso são na ruptura de uma relação amorosa, nascimento de uma criança, falecimento de alguém amado, que revelam a instabilidade da inscrição do sujeito no Outro.

O que é característico dessa fase é quando essa crise determina a primeira "passagem", o primeiro descolamento das relações primárias. Freud (1930) dirá que a tarefa principal do adolescente é "sair" da família, ou do núcleo familiar, para viver segundo o seu próprio desejo, a autonomia de seu desejo (Becker; Poli, 2004). A "passagem" é a saída dessas relações primárias e a inclusão no laço social, e por conta disso, decorre todo o trabalho psíquico de romper esse laço fantasmático que sustenta o sujeito da infância. Sem que isso ocorra, o sujeito não pode atualizar uma vida desejante em seu nome próprio. Para isso, o sujeito precisa necessariamente romper com o laço amoroso que lhe ata e lhe identifica aos objetos originários.

Alguns exemplos da radicalidade e da própria forma de se separar desse Outro, como uma tentativa desesperada do adolescente são as chamadas ações de "passagem ao ato". Essas ações são pautadas por uma mensagem invertida advinda do Outro, o (não) use drogas, o (não) faça sexo sem camisinha, são mensagens que indicam sobretudo, uma alienação do desejo do próprio adolescente. De modo que o adolescente os realiza de modo invertido, ainda sim, se comprometendo a realizar o desejo do Outro, e não o seu próprio (Becker; Poli, 2004).

A adolescência é um momento de construção do *sinthoma*, no qual o sujeito, pelo trânsito nos tempos da alienação/separação, pode ressituar os significantes que sustentam a sua posição no mundo. Isto implica, como vimos acima, a desmontagem do fantasma construído na infância. As crises de angústia e de depressão adolescentes são muito ligadas a este processo de perda da significação e das referências infantis. Sem esta amarração o sujeito se vê diante de uma radicalização da falta do Outro, isto é, da ausência de uma referência última na qual se sustentar subjetivamente. Esta falta de um significante que assegure a significação é uma falta estrutural. Ou seja, ela não é fruto do "nihilismo" adolescente; é antes a sua confrontação com a verdade, sem

engodos imaginários. Construir o sintoma significa, pois, inventar novas significações e novas referências. Nos termos da Psicanálise diríamos que significa construir uma nova amarração entre o discurso (o Outro) e a pulsão (o objeto *a*). (Becker; Poli, 2004 p. 205)

Como as autoras indicam, as crises na adolescência que despertam sentimentos de depressão e angústia estão ligadas a perda de um Outro que antes significava fenômenos e agora esse Outro falta. Porém, essa falta de um significante que garanta a significação das coisas é uma falta estrutural, não é restrita apenas ao adolescente, mas a todos os sujeitos. Construir um sintoma (ou sintoma) parte desse polo, de que essa significação precisa advir do próprio sujeito, trata-se de um esforço para inventar novas significações, novas referências, de modo que ocorra, portanto, o desenvolvimento do polo principal: a amarração entre “o discurso (o Outro) e a pulsão (o objeto *a*)” (Becker; Poli, 2004).

É a partir dessa perspectiva que a voz e o olhar se tornam objetos principais da pulsão nos adolescentes,

É pela voz e pelo olhar, estes dois pólos pulsionais da construção do espelho, que se sustentam também as possibilidades de organização no tempo e no espaço. Recolher-se ao mínimo espaço de seu próprio quarto, é uma forma do adolescente subtrair-se ao olhar materno; olhar este que delineava o formato de seu mundo até então. Esta reação ao olhar da mãe é necessária - mesmo que reduzida ao segredo de um diário - até que possa garantir que outros olhares se constituam como novos referentes e permitam um outro cenário possível. O tempo da adolescência é o tempo do próprio quarto, do próprio corpo, do próprio sexo. Criar condições para 'posar de surdo-mudo' fechando-se dentro de um estrondoso barulho é também uma forma de subtrair-se diante da presença da voz materna, a ponto de fazer calar esta voz. (Becker; Poli, 2004 p. 207)

A forma como o adolescente lida com essas pulsões dizem a respeito não só da forma como apreendeu a voz e o olhar materno nos primeiros anos de vida, mas também é a partir dele, que suas relações passam a se moldar. O reconhecimento e o não reconhecimento do valor próprio para o adolescente passa pelo olhar desse outro, que inicialmente foi aprendido com um Outro, que o inseriu na linguagem.

Sair para a rua na adolescência é uma espécie de reedição do jogo do carretel. Ou seja, é a redefinição dos referenciais de dentro/fora, privado/público, familiar/estranho, que recolocam os deslocamentos e as perspectivas necessárias para dar conta das novas condições de representação sujeito-Outro que a passagem adolescente coloca em cena. (Becker; Poli, 2004 p. 143)

O “sair para a rua” citada pelas autoras se resume a própria operação adolescente, essa passagem, que os retira da posição de objeto, ou seja, sujeitos que aprenderam o como desejar por intermédio de um Outro, para se tornarem sujeitos de seu próprio desejo.

O DESEJO E A FINITUDE

O humano é um ser que possui consciência de sua própria finitude, e ter essa consciência traz consigo diversos desdobramentos. O primeiro é o de que essa consciência, segundo Heidegger, pode desdobrar-se em duas formas de enfrentá-la: esquivar-se da finitude, ou afirmá-la. Quando a partir do contato com a finitude o sujeito se esquia, Heidegger dirá que se trata de uma existência inautêntica, o oposto, quando o sujeito afirma a sua própria finitude, a autenticidade. A existência inautêntica, o “fugir da finitude”, é vista como um fenômeno que está além do próprio indivíduo, um fato externo que o encobre e se dissolve nos costumes sociais e culturais de negação da morte. Fato que ocorre por meio da criação de representações sociais de eternidade (“felizes para sempre”), e a dramatização do fim sempre como algo negativo (Santos; Dalbosco, 2019).

A existência autêntica de acordo com Santos e Dalbosco (2019) ocorre de modo inverso, o sujeito (ou *Dasein*) se relaciona com a angústia do seu ser-para-morte, ou seja, um ser que é para a morte, e que um dia morrerá de modo que não trate a morte como um fim que o oprime, mas como uma característica de seu próprio ser. Todo ser é para a morte, desse modo, a vida e a morte são indissociáveis. Além de Heidegger, outro autor levantado neste capítulo é Lacan, que trata algo além da autenticidade a partir da finitude, a responsabilização pelo desejo. Lacan toca o ponto da responsabilização do desejo com base na capacidade do sujeito de lidar melhor com a angústia das perdas que a vida traz consigo. Afirmar que a vida terá um fim é ao mesmo tempo ter em vista a condição em que o sujeito está, a de bancar o seu próprio desejo. E, como é levantado no artigo, o encontro com a angústia do fim da vida e o fim da análise, se assemelham no sentido de que a conclusão de ambas chegam ao mesmo ponto: ainda que a vida não possua nenhum sentido, que somos finitos, um dia iremos morrer, e que se trata de uma castração ontológica, ou seja, a morte é uma possibilidade de ser, dentre inúmeras outras, a vida ainda vale a pena de ser vivida.

Nesse sentido o ser de cada sujeito se comporta de modo diferenciado quando é confrontado com o senso de finitude, a sua própria finitude, “(...) O final é iminente para o *Dasein*. A morte não é um subsistente que ainda não se efetivou, não é um último faltante reduzido a um mínimo, mas, ao contrário, é um iminente (...)” (Heidegger, 2012, p. 689)

À vista disso, como é tratado por Heidegger nesse trecho citado, a morte é vista como um fato ontológico e não ôntico. Ontológico diz a respeito de uma possibilidade do ser, a possibilidade de ser-para-morte, de morrer, chegar ao fim. Enquanto ôntico seria a morte programada, enquanto um acontecimento com data, local e hora bem definidos, ou seja, o

sujeito sabe exatamente qual momento irá morrer. A morte de modo geral não aparece nesse contexto controlado de quando se sabe com certa exatidão quando ela virá. (Santos; Dalbosco, 2019).

Segundo Santos e Dalbosco (2019) O Dasein é projetado para o seu fim, por isso o ser-para-morte, embora esse Dasein também possua a possibilidade de escolha, de poder ser, até um dia não ser mais no presente, e migrar do “ser” para o “era” ou “foi”, no passado. Nessa perspectiva, a morte é a definição da vida, pois chega ao fim dela mesma, e uma existe à medida que a outra existe, indissociáveis.

E é a partir dessa compreensão de sentido para a morte que o ser pode assumir quem se é, ser ele mesmo, diante do drama do fim da existência. Santos e Dalbosco (2019), ao citar Heidegger, na qual nomeia essa potencialidade de “mais-próprio” ou “poder-ser”, que também entende-se como finitude para Heidegger. A alienação perante a morte e a existência de cada um, do próprio ser, é vista enquanto impessoal pois é tratada como “os outros morrem mas não eu”, a morte é vista como algo distante, um tabu, principalmente da cultura ocidental (Santos; Dalbosco, 2019).

O conceito “Ditadura do Impessoal” se mostra como a negação da finitude enquanto condição de existência:

Na verdade, o que se faz quando se exprime tal afirmação é dizer que o si mesmo não morre, ou, que é ainda pior, o que de fato busca afirmar com isso é a ideia de que ninguém morre, uma vez que o “a-gente” é ninguém. Encarar a morte não como própria morte implica na não afirmação da finitude e, por extensão, da própria existência e das possibilidades que a constitui. A tentativa de esquivar-se continuamente para o interior do mundo público acarreta num modo de enfrentar a existência que é, justamente, aquele que não consegue viver de acordo com o seu desejo, mas sempre dependente da demanda do desejo dos outros (Santos; Dalbosco, 2019)

É desse modo, segundo Santos e Dalbosco (2019) que o impessoal não se responsabiliza, se desautoriza das próprias decisões, e esse ser só existe à medida que os outros dizem para ele o como existir, com base no que é socialmente aceito. A homossexualidade por exemplo, é atravessada por experiências de contradição, que é intrínseca ao próprio modo de ser, por conta de preconceitos culturais e tabus. Tal experiência que provoca sensações de inadequação da própria existência, de um ser que tenta se adequar ao outro (não ser homossexual para ser aceito socialmente), ao mesmo tempo que tenta se adequar a si mesmo (ser homossexual pois isso condiz com o seu desejo de ser), assumir o protagonismo da sua existência e seu desejo, ou renunciar a esse desejo, se adequar ao todo. Em suma, a contradição é atender a demanda dos outros, ou assumir o seu desejo e protagonismo, porém, a experiência

se apresenta mais complexa do que apenas uma decisão dicotomizada. Essa condição de ser, é atravessada por inúmeras questões raciais, socioeconômicas, de gênero, identificação, dentre outras relacionadas ao contexto de vida de cada um, além dos preconceitos históricos de cada sociedade e significações sobre o que é ser homossexual.

Para tanto, Santos e Dalbosco (2019) reiteram a importância que o indivíduo tem de assumir a sua existência, tomar para si o que é de mais próprio, e que um dia irá morrer e que por conta disso, se autorize a viver da maneira que desejar. A morte deveria ser vista enquanto uma possibilidade para a vida, e não enquanto uma saída frente a um conflito no real:

É comum constatar em nossa sociedade comentários que pintam a angústia como sendo de natureza maligna, advinda das “forças do mal”, típico de uma ditadura do impessoal que prega a felicidade como imperativo existencial, afastando o que há de mais próprio em nossa natureza ontológica, isto é, a angústia diante da finitude. Para Heidegger (2012, 701), isso não ocorre com um Dasein que é “seguro-de-si-mesmo”, uma vez que o sujeito sabe o que quer e se responsabiliza pela sua finitude (Santos; Dalbosco, 2019).

Enquanto a angústia é um medo sem objeto claramente definitivo pois, se o tivesse seria medo, temor, pavor, é vista enquanto uma antecipação paranoica, tem medo, mas não se sabe do que. No caso, de acordo com Santos e Dalbosco (2019) a pergunta “o que é a morte?”, desconhecida em sua própria natureza, o por que a morte acontece, e o que vem depois dela, é revelado também pela angústia, é o “nada”, ou seja, a angústia é a própria manifestação do nada. E é nesse ponto que a sociedade, o comum, o coletivo, o público, ou o termo utilizado pelo autor, a publicidade, entram em um embate.

Segundo Santos e Dalbosco (2013) o “público” está acostumado com as certezas, ou de que são necessárias as certezas, ainda que poucas, ainda que se acredite que as certezas existam, e é preciso acreditar pois sem essa ilusão a existência seria insuportável. Surgem então discursos recheados de certezas, beirando dogmas e ditames do como se deve viver e até mesmo morrer, até soar o alarme da angústia, uma sirene ensurdecadora, servindo de contraponto, incômodo, à incerteza de nossa existência e a certeza da finitude.

Além disso, os autores dirão que a angústia, “assim, é uma espécie de navalha do real, no sentido de que sua manifestação rompe com aquelas imagens construídas e consumidas pelo impessoal”. Por outro lado, a alienação, fruto do impessoal, proporciona o conforto, traz objetos para se livrar da angústia e migrá-la para um objeto controlável. E é essa angústia que nos mostra o que foi citado anteriormente, a fuga e o refúgio na ditadura do impessoal ou a afirmação da finitude e responsabilização do desejo (Santos; Dalbosco, 2019).

O desejo surge quando o sujeito se dá conta de que o gozo não é ilimitado, que esbarra com muitos “nãos”, não se pode ter tudo, não se pode ser tudo, não se pode fazer tudo, um

limite é necessário para que o ser, e conseqüentemente o desejo possam surgir. E esse desejo, segundo Santos e Dalbosco (2019) também não é algo fixo e estável, ele é instável pois “o desejo desliza de objeto em objeto, ele não se satisfaz plenamente, mas encontra satisfações parciais através da fantasia e do objeto *a*. O desejo necessita de um outro para se constituir como tal.”

A existência é vista não só como a possibilidade de desejo em Lacan, mas também como a condição intrínseca e exclusiva do humano nesse sentido,

Somente o homem existe. O rochedo é, mas não existe. A árvore é, mas não existe. O anjo é, mas não existe. Deus é, mas não existe. A frase: ‘Somente o homem existe’ de nenhum modo significa apenas que o homem é um ente real, e que todos os entes restantes são irreais e apenas uma aparência ou a representação do homem. A frase: ‘O homem existe’ significa: o homem é aquele ente cujo ser é assinalado pela insistência ex-sistente no desvelamento do ser a partir do ser e no ser (Heidegger, 1979, p. 59).

Conforme dito por Santos e Dalbosco (2019), o humano é um “fala-ser” segundo Lacan, ou seja, é um ser porque fala, e quem fez essa inauguração do ser na cultura da língua falada e escrita, desse modo, na palavra, é o Outro, o mesmo Outro que sedimenta as bases do desejo, que são regidas pelas palavras. Dessa forma, esse Outro é necessário, pois ele introduz o ser na linguagem. Não existe um ser sem o Outro, é o Outro que nos dá lugar para a nossa existência, da mesma forma, que os outros, ou seja, o coletivo, permite a identificação que, a partir desse outro, tomamos referência para nós mesmos.

Desse modo, segundo Santos e Dalbosco (2019) quando o sujeito não assume sua posição de desejo, resta a ele tão somente a posição objetal, ou seja, uma busca incessante de objetos para tamponar essa falta, essa angústia, de que é necessário um algo que irá substituir essa falta. Lacan nos convoca à reflexão de que nada que fizermos trará essa sensação de plenitude, de completude, de que nada faltará, justamente porque tentar se reaver com uma experiência de completude (talvez experienciada no passado) na verdade nunca ocorreu. Isso significa que estaríamos perseguindo algo que sequer existiu, correndo atrás de uma ilusão que nós mesmos criamos para sustentar uma existência com menos angústia, a questão é que essa resolução é falha.

O que nos move é o desejo, dirá Lacan, e mover-se ou o ato de estar vivo, é entender que à medida que cada um de nós desliza de objeto em objeto, é esse um sinal de que nenhum deles é parcial. Nenhum deles atende essa sensação de plenitude pois, se o atingisse, não seria necessário um outro objeto, depois outro, e outro. Segundo Santos e Dalbosco (2019) o sujeito precisa aceitar essa falta, essa incompletude, esse “corpo esburacado” para que permita o

surgimento do desejo através deste corpo que lhes cabe. E é nesse sentido que a análise se desenvolve pois, é através dela que o sujeito é posto em reflexão e é levado a se afirmar enquanto um ser finito, reconhecendo a partir do seu sofrimento, do seu sintoma, a parte que lhe cabe de participação no processo, dessa forma, o sujeito se torna responsável pela sua própria condição de sujeito e diante do desejo, que é próprio, único, e repleto de autenticidade.

Para fim, estudar sobre as significações dadas ao morrer, a morte, a finitude na população LGBT+ se faz urgente, visto que, tal população é acometida por uma taxa maior, de jovens não-heterossexuais em relação à jovens heterossexuais sobre o índice de suicídio (Teixeira-Filho; Rondini, 2012). A morte nesses casos passa a se tornar uma forma de anulação do próprio existir, ou como a única saída possível de um cenário de sofrimento.

Parte do que motiva estudar o fenômeno desse livro a respeito de significações da morte, vai ao encontro de lembrar das possibilidades que o sujeito adolescente possui. Viver tal qual o seu desejo sem se submeter a concessões morais, dogmas e modos limitados e pré-determinados de como se deve existir em sociedade. O livro e a pesquisa representam então um convite para o adolescente (re)existir, no sentido de existir novamente, enquanto um ser que deseja por conta e não apenas cumpre demandas, sobretudo sociais. Mas também no sentido de resistência, de resistir e sustentar o próprio desejo, frente a um mundo que segundo o *status quo* dita que ser LGBT+ é algo anormal.

Ainda que parte do interesse da pesquisa tenha relação com a questão do suicídio para a população LGBT+, não se trata, portanto, nem da temática do livro, tampouco do foco dessa pesquisa. O foco da pesquisa está, como será especificado no objetivo, entender o papel da leitura nos adolescentes e onde que essa produção cultural se insere nos processos de subjetivação.

O INFAMILIAR E A TRANSITORIEDADE

O Infamiliar (ou Estranho) é um dos conceitos mais importantes na obra de Freud, e é tratado enquanto um sentimento que causa terror, algo aterrorizante, é também um conceito, e acima de tudo, uma palavra, “*O Infamiliar*” ou “*Das Unheimliche*” é “*um domínio desprezado pela pesquisa estética e o efeito da leitura de certos contos fantásticos.(...)*”. (Freud, 1919). Ao longo do texto *O Infamiliar* (1919), Freud se compromete no desenvolvimento de sentido para essa que ele chamará de palavra-conceito. Evidenciando que palavra e conceito não são coisas separadas, o autor logo parte do significado de *Begriffshort*, palavra em alemão que se refere ao termo “conceito”. *Begriff* significa “expressão”, enquanto que *short* tem relação com o que

é “pequeno”, tal qual como do inglês. Desse modo, na junção, *Begriffshort* ou *Begriffswort* (nas suas duas variações) representam o termo de algo, “a pequena expressão”, o conceito, a definição propriamente dita. Tais definições, segundo Freud, partem da ciência, filologia, estética e literatura fantástica.

O termo Literatura Fantástica³ foi relacionado com o efeito provocado pela leitura que causa a sensação de absurdo, extraordinário e sobrenatural, ou seja, um aspecto surreal, ilógico e misterioso sobre algum fenômeno acerca do mundo, expresso através da leitura de um livro. Em diversos títulos que representam essa Literatura Fantástica, o que ocorre é a provocação de um sentimento de estranheza, mas cada autor dá uma roupagem diferente para essa estranheza. Essa roupagem é vista como misteriosa quando se trata das obras de Edgar Allan Poe, aventureira sob o ponto de vista de Tolkien ou nonsense a partir das obras de Kafka. Para ilustrar, alguns exemplos de Literaturas Fantásticas: *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley; *Histórias extraordinárias* (1833-1845), de Edgar Allan Poe; *A pequena sereia* (1837), de Hans Christian Andersen; *Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll; *O médico e o monstro* (1886), de Robert Louis Stevenson; *O retrato de Dorian Gray* (1890), de Oscar Wilde; *Drácula* (1897), de Bram Stoker; *A metamorfose* (1915), de Franz Kafka; *Contos da selva* (1918), de Horacio Quiroga; *O curioso caso de Benjamin Button* (1922), de F. Scott Fitzgerald; *O reino deste mundo* (1949), de Alejo Carpentier; *O senhor dos anéis* (1954-1955), de J. R. R. Tolkien; *O mundo alucinante* (1966), de Reinaldo Arenas; *Cem anos de solidão* (1967), de Gabriel García Márquez; *As cidades invisíveis* (1972), de Italo Calvino; *Garabombo, o invisível* (1972), de Manuel Scorza; *Carrie* (1974), de Stephen King; *O livro do riso e do esquecimento* (1979), de Milan Kundera; *A casa dos espíritos* (1982), de Isabel Allende; *Harry Potter* (1997-2007), de J. K. Rowling.

O tema sintetiza literariamente a ampla gama de fenômenos mágicos, místicos, semirreligiosos e sobrenaturais que ocupou parte decisiva da colaboração e da dissensão com Jung. O infamiliar é assim um reexame do paradigma do “modo animista em geral de pensar”, mas também uma interrogação sobre o estatuto da verdade e da realidade em psicanálise, bem como um exemplo maior do exercício da análise lógica das negações. O sentimento de infamiliaridade indicaria a persistência da onipotência de pensamentos, uma espécie de déficit de simbolização que remanesce na crença de que o pensamento possui poder causal sobre fatos do mundo (Dunker, 2019, p. 137).

³ O fantástico é tudo aquilo que extrapola a realidade, que contraria as leis da física. Os elementos fantásticos, em um texto literário, são mesclados a outros de caráter real, para dar verossimilhança a esse texto. Esse tipo de literatura surgiu, possivelmente, entre os séculos XVIII e XIX, mas passou a ser foco das atenções da crítica e do público leitor no século XX.

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/literatura-fantastica.htm>

Dunker em seu comentário sobre a obra, também apresenta-nos uma tabela que relaciona os termos com seus significados:

Familiar (Heimlich)	Infamiliar (Unheimlich)
Casa (intimidade ou privacidade)	Floresta ou Rua (estrangeiro ou público)
Confiança (manter próximo)	Desconfiança (manter à distância)
Oculto (pertence a alguns)	Revelado (pertence a todos)
Vivo , Animado, Humano	Morto , Inanimado (Coisa), Inumano

(Dunker, 2019, p. 140)

De volta para a obra de Freud, *Unheimliche* pode ser traduzido, ou melhor, tenta-se traduzir, a partir de diversos idiomas. Uma constatação é a de que a própria dificuldade de se definir *Unheimliche*, tem relação com o próprio fenômeno em si. Constantemente, *Unheimliche* suscita novas interpretações a partir do repertório linguístico de uma cultura ou civilização, revelando um novo olhar para a mesma vivência. No Francês, as traduções possíveis são “L'inquiétante étrangeté” (Gallimard), “L'inquiétant familier”; (Payot) ou simplesmente “L'inquiétant” (PUF); Para o Espanhol, “Lo siniestro”, (Biblioteca Nueva) ou “Lo ominoso” (Ammorrtu); No Italiano, “Il perturbante” (Boringhieri); Inglês, “The uncanny” (Standard Edition); Português, “O estranho” (Edição Standard) ou “O inquietante” (Companhia das Letras).

Estamos, portanto, diante de uma das palavras de mais difícil tradução no vocabulário freudiano, o que denota a diversidade das línguas, ou por assim dizer, algo intraduzível que, apesar de ser possível a sua tradução, ela não cessa de se traduzir, o que leva a não se traduzir de fato, chegar a um termo. Além disso, o fenômeno do intraduzível nos mostra também que as palavras e as redes conceituais não podem se sobrepor umas às outras. Isso significa que por vezes é necessário a criação de neologismos e traduções alternativas, como é o caso da edição, o autor optou pelo neologismo “Infamiliar”. Porém existem outras traduções em português como “O Estranho” e “O Inquietante”. O Infamiliar passa a ser uma marca da infidelidade à língua materna, por precisar de uma espécie de tradução forçada (Iannini; Tavares, 2019).

A começar pelo prefixo (un-), é tratado por Freud (1919) por uma marca do recalque, um prefixo de negação, que é seguido pelo adjetivo *heimlich*, e que pode ser dividido em dois,

heim-lich. *Heim* é traduzido por lar, morada, que é próximo do inglês, *home*. O termo *home* também pode ser ampliado para “terra natal”, no alemão temos a palavra *Heimat* que representa esse sentido. Tal termo se opõe a *Vaterland*, a terra-pai, ou pátria cívica. Nesse sentido, segundo Iannini e Tavares (2019), *heimlich* é tratado como um termo relativo ao “lar”, algo conhecido, mas ao mesmo tempo íntimo e sigiloso, o mesmo aparece em *geheim*, relacionado ao sentido de secreto, *Geheimnis*, o segredo. *Gestapo* para *Geheime Staatspolizei*, a polícia secreta estatal, e nazista, que investigava sob sigilo e invadia os lares (*heim*).

O familiar suscita uma certa ambiguidade, algo é familiar mas não se sabe bem o motivo, ou que ainda é familiar apesar de não aparentar ser. Além disso, segundo Iannini e Tavares (2019), quanto à outra tradução de *O Infamiliar*, também nomeado como *O Estranho* é possível de relacionar com algo de certa natureza “estranha”, o sentimento de estranheza, o momento comum quando um sujeito está diante de experiências de angústia.

Freud (1919) vai além ao dizer que *heimliche* não é uma palavra que tenha como finalidade única designar as partes íntimas do corpo humano, que são escondidas ou veladas, e que assim devem permanecer. Que também são frágeis e suscetíveis a algum ferimento, estimulando a angústia de castração. Freud revela como o termo *heimliche* representa ao mesmo tempo algo que é familiar e íntimo, mas também secreto e desconhecido, esse “duplo” interpretativo ou por melhor dizer, uma dupla inscrição.

Segundo Freud (1919), esse conceito foi deixado de lado nas discussões sobre a estética, e que não restam dúvidas que o sentimento tem relação com o aterrorizante, angustiante e horrorizante, mas o ponto central na discussão estabelecida pelo autor é de que essa palavra nem sempre é utilizada rigorosamente, o que a leva a coincidir com o sentimento angustiante.

A partir dessa problemática, duas são as possíveis saídas (Iannini; Tavares, 2019): 1- Investigar o que significou, durante o desenvolvimento da língua, essa palavra, o “infamiliar; 2- Compilar o que em pessoas, coisas, impressões sensíveis, vivências e situações nos evocam esse sentimento de infamiliaridade;

Para inaugurar a análise desse efeito em uma obra, Freud (1919) menciona Ernest Jentsch enquanto um escritor que conseguiu criar esses “efeitos infamiliars” e, para isso Freud se utiliza de um trecho:

Um dos artifícios mais seguros, para despertar facilmente efeitos infamiliars por meio de contos consiste em deixar o leitor na incerteza se ele tem diante de si, em uma determinada figura, uma pessoa ou um autômato, de tal modo que, de fato, essa incerteza não aparece diretamente no ponto central de sua observação, com isso ele não seria imediatamente estimulado a investigar e esclarecer as coisas, porque, assim, como se diz, o efeito específico desse sentimento facilmente diminui. E. T. A.

Hoffmann, em suas peças fantásticas, desempenhou, com êxito, essa manobra psicológica. (Freud, 1919, p. 60)

É a partir daí que alguns efeitos são produzidos quando se trata dessa estranheza no leitor. O efeito do infamiliar está presente nas seguintes citações:

Por exemplo, quando na floresta, surpreendidos por algo como a névoa, nos perdemos no caminho e então, apesar de todos os esforços para encontrarmos um caminho sinalizado ou conhecido, voltamos repetidamente para um lugar marcado por um aspecto determinado. (Freud, 1919, p. 68).

Ou ainda quando,

O número 62 nos aparece diversas vezes no mesmo dia, e então passamos a observar que tudo o que traz uma indicação numérica, endereço, quarto de hotel, vagão do trem e coisas semelhantes representa sempre o mesmo número, no mínimo como elemento parcial. Considera-se isso como “infamiliar”, e quem não está armado contra a tentação da superstição tenderá a atribuir, obstinadamente, a esse retorno de um número um significado secreto, vendo nisso algo como uma alusão a uma determinada época de sua vida (Freud, 1919, p. 69).

Outro pilar que sustenta essa base de estranheza na narrativa é quando, segundo Freud (1919), o escritor cria no leitor uma incerteza, despretensiosamente, quando logo de início não deixa claro se a história se trata de um mundo real ou um mundo fantástico. Algo pela qual Freud chamou de “incerteza intelectual” não seria o suficiente, logicamente, para entender o efeito que o infamiliar provoca. Algo também retratado ao longo da obra é o fato de que o sujeito após a superação do momento de narcisismo primário, passando então a direcionar sua libido, seus interesses para objetos secundários, ou também chamado de narcisismo secundário, há uma perda. Essa perda é equiparada a um mensageiro da morte, algo que quebra com a fantasia advinda do narcisismo primário da imortalidade do Eu. Tanto o Eu se perde quando se faz o luto por algum objeto, quanto o próprio objeto em si que chega ao seu termo, seu fim (Freud, 1919).

Mais adiante, em outro texto, Freud se debruça em questões relacionadas à efemeridade da vida em um de seus textos intitulado “*A Transitoriedade*” (1916), sobre o valor da vida a partir de um relato de um amigo e um poeta. O poeta, que se encontrava na mais profunda desesperança quanto à vida, uma vez que via a beleza das coisas, não mais as enxergava desse modo. De nada adiantava essa admiração pela vida e pelo belo se um dia elas iriam se desfazer em nada, se o fim fosse iminente. Freud, ao analisar a afirmação de seu colega, o coloca em dúvida,

Essa exigência de imortalidade é tão claramente um produto de nossos desejos que não pode reivindicar valor de realidade. Também o que é doloroso pode ser verdadeiro. Eu não pude me decidir a refutar a transitoriedade universal, nem obter uma exceção para o belo e o perfeito. Mas contestei a visão do poeta pessimista, de

que a transitoriedade do belo implica sua desvalorização. Pelo contrário, significa maior valorização! Valor de transitoriedade é valor de raridade no tempo. A limitação da possibilidade da fruição aumenta a sua preciosidade. É incompreensível, afirmei, que a ideia da transitoriedade do belo deva perturbar a alegria que ele nos proporciona. Quanto à beleza da natureza, ela sempre volta depois que é destruída pelo inverno, e esse retorno bem pode ser considerado eterno, em relação ao nosso tempo de vida. (Freud, 1916, p. 186)

Algo que Freud chama de fator emocional lhe chama a atenção, o fato de que o que poderia estar ocorrendo é uma perturbação no julgamento de ambos acerca da realidade. Aparenta haver ali, segundo Freud, alguma revolta psíquica contra o luto, depreciando o aproveitamento do belo e, ao vislumbrar a transitoriedade do belo, “(...) deu àqueles seres sensíveis um gosto antecipado do luto pela sua ruína, e como a psique recua instintivamente diante de tudo que é doloroso, eles sentiram o seu gozo da beleza prejudicado pelo pensamento de sua transitoriedade. (...)” (Freud, 1916).

Em outras palavras, o Eu antecipa o processo de luto dado tamanho sofrimento que o processo de perda de um objeto causa no sujeito. E que ainda é desconhecido diz respeito à razão pela qual o processo de luto precisa ser tão doloroso no desprendimento da libido do objeto na qual foi investida. Logo, só percebemos o apego da libido aos objetos e ainda que possua substitutos, ela se recusa a desligar-se daquilo que foi perdido, se caracterizando no luto propriamente dito.

Quanto à morte, Freud também traz um apontamento em seu texto “*Nossa atitude perante a morte*” de 1916, em que narra o como a morte é o desfecho necessário de toda vida, e que cada um precisa saldar uma dívida com a natureza, com uma morte, e tem de se estar preparado para tal momento. A morte é vista como algo natural, incontestável e inevitável, mas,

Na realidade nós agimos como se as coisas fossem diferentes. Manifestamos a inconfundível tendência de pôr a morte de lado, de eliminá-la da vida. Procuramos reduzi-la ao silêncio; temos um provérbio que diz: “Pensar em algo como na morte”.* Como na sua própria, naturalmente. Pois a própria morte é também inconcebível, e, por mais que tentemos imaginá-la, notaremos que continuamos a existir como observadores. De modo que na escola psicanalítica podemos arriscar a afirmação de que no fundo ninguém acredita na própria morte; ou, o que vem a significar o mesmo, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade. (Freud, 1916, p. 171)

Quando acometidos por uma perda (Freud, 1916), somos imediatamente abatidos nas nossas expectativas, atribuímos a natureza da morte como a causa, e quase nunca como algo necessário. O simples fato de morrer, ou de muitas pessoas morrerem parece algo terrível para os sujeitos. E, quando se perde um ente querido, uma relação de qualquer âmbito, o sujeito diante desse abalo súbito entra em uma espécie de empobrecimento da vida, perde algo de seu interesse.

E toda essa incapacidade de lidar com a intensidade do luto nos leva a uma busca de preservação (Freud, 1916), um estado de estabilidade, de modo que nos tornemos pouco inclinados a buscar desafios, perigos ou quaisquer tentativas que nos deem uma abertura ao novo e possivelmente a morte. Embora tenham sido essas as que nos levaram para os maiores avanços tecnológicos da humanidade, tais como as tentativas de voar, expedições em terras distantes e experimentos científicos envolvendo substâncias explosivas. Excluir a morte da equação parece nos limitar a muitos avanços, de modo que o lema da Liga Hanseática como é citado por Freud ao longo do texto, nos diz que “Navegar é preciso, viver não é preciso.”

Além disso, Freud também dirá que então

É inevitável que busquemos no mundo da ficção, na literatura, no teatro, substituto para as perdas da vida. Lá encontramos ainda pessoas que sabem morrer, e que conseguem até mesmo matar uma outra. E apenas lá se verifica a condição sob a qual poderíamos nos reconciliar com a morte: de que por trás de todas as vicissitudes da vida nos restasse ainda uma vida intacta. Pois é muito triste que na vida suceda como num jogo de xadrez, em que um movimento errado pode nos levar a perder a partida, com a diferença de não podermos iniciar uma nova partida, uma revanche. No reino da ficção encontramos a pluralidade de vidas de que temos necessidade. Morremos na identificação com um herói, mas sobrevivemos a ele e já estamos prontos a morrer uma segunda vez com outro, igualmente incólumes.(...) (Freud, 1916, p. 173)

A literatura, ao que parece segundo Freud (1916), a literatura se mostra como uma alternativa para aqueles que estão lidando com perdas ou até mesmo como um canal de saber através de personagens que sabem como morrer, e que nos mostram como fazer isso. A literatura nos permite uma adaptação a ideia de que iremos morrer, e simultaneamente, estamos vivos lendo um texto que fala sobre morrer, ou perder.

Assim como ao jogar uma partida de xadrez em que cada movimento errado pode suceder ao “xeque mate” e a perda da partida, de maneira análoga a perda da própria vida. Segundo a etimologia da palavra xeque-mate⁴, é traduzido do Persa “*Shâh-mât*” que significa “o rei está morto”. Dadas as inconstâncias da realidade que nos cerca, essa perda no xadrez, permitiria uma revanche, jogar novamente e tentar um resultado diferente, “o rei não está morto”, porém, tal efeito não ocorre fora do jogo e da literatura. Segundo Freud (1916), não seria possível uma revanche quando o assunto se trata da vida e sua definição, sua finitude, a morte. É então que, por meio da literatura e da identificação com a figura do Herói (Freud, 1916), podemos então morrer e, paralelamente, sobreviver à perda ao fim do livro, o que denota estarmos preparados para morrer uma segunda vez, com um outro herói, em outra história, em outro momento.

⁴ *xeque-mate*: Etimologia (origem da palavra xeque-mate). Xeque + mate; do persa *Shâh-mât*, "o rei está morto". Fonte: <https://www.dicio.com.br/xeque-mate/>

No que toca ao assunto da guerra, ainda no mesmo texto, Freud nos dirá que no cenário de guerra, diferente de outros cenários, não é possível negar a morte, a morte passa a ser vista como um fato objetivo e visível. Um visível que não é apenas a morte de um indivíduo de causas aparentemente naturais, mas de um coletivo, um grande número de mortes, dezenas de milhares por dia, um genocídio. Essa ideia de morte articulada com o coletivo retira uma percepção de acaso, e que para além disso, há dois grupos que se emergem e se distinguem entre si quanto ao modo de lidar com a guerra, segundo Freud (1916):

Aqui se deveria fazer uma distinção entre dois grupos, os que arriscam a vida na batalha e os que permanecem em casa, à espera somente de perderem um dos seus entes queridos por ferimento, doença ou infecção. (...) Devemos nos ater ao segundo grupo, ao qual pertencemos. Já expressei minha opinião de que o desnoriteio e a paralisia da capacidade, dos quais sofremos, seriam determinados essencialmente, entre outras coisas, pelo fato de não podermos conservar nossa atitude anterior frente à morte e não termos ainda encontrado uma nova. Nisso talvez ajude apontarmos nossa investigação psicológica para duas outras relações com a morte: aquela que podemos atribuir ao homem da pré-história e aquela que ainda se mantém em cada um de nós, mas se esconde, invisível para a nossa consciência, em camadas profundas de nossa vida psíquica.” (Freud, 1916, p. 176)

OBJETIVO

OBJETIVO GERAL

Entender qual foi o impacto da leitura do livro “Os dois morrem no final” em adolescentes entre 15 e 20 anos, brasileiros.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender se a leitura teve um efeito construtivo, de despertar o interesse do adolescente em viver, fazer o que gosta, aproveitar a própria vida, ou se o efeito foi negativo, ou seja, provocou sentimentos de tristeza, desesperança e angústia.

Verificar como os adolescentes entrevistados lidam com a finitude.

Entender se a leitura contribuiu para o adolescente elaborar e enfrentar os próprios conflitos, se o livro criou repertório para a sua identidade, seu modo de ser e estar no mundo, ou se inibiu o adolescente a ter medo da vida, medo dos conflitos. Esse medo dos conflitos aparece em um dos personagens principais, Mateo, e também apareceu em alguns comentários de pessoas que leram o livro. Em certa medida, é também entender que os efeitos que uma leitura provoca são diversos, conhecer essa pluralidade de significados é também a intenção com essa pesquisa.

MÉTODO

Local de Pesquisa: Preferencialmente os participantes selecionados deverão residir na região central ou periférica do Estado de São Paulo, com disponibilidade para se deslocar até a Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic (PUC-SP) em Perdizes. No caso de uma impossibilidade de deslocamento, a opção de entrevista online será utilizada como último recurso, desde que o participante se assegure de que está em um ambiente tranquilo, livre de distrações e com privacidade.

Modelo de Pesquisa: Trata-se de uma pesquisa empírica qualitativa. Essa escolha de método se justifica como coerente com a pesquisa, pois é uma investigação que se baseia na interpretação que o adolescente entrevistado fará, no caso, a respeito da sua experiência de leitura. Segundo Soares (2020), o tipo de metodologia utilizada na pesquisa qualitativa tem como ponto de partida de que alguns dados em sua maioria são imensuráveis. Alguns tipos de conceitos ou dados necessários para a pesquisa não são passíveis de serem medidos e quantificados única e exclusivamente utilizando uma pesquisa quantitativa. No caso desta pesquisa, se torna imensurável padronizar um mesmo impacto generalizável para todos os sujeitos, visto que cada um possui sua história, características e subjetividades. Os modos de ser afetados são variados, e a utilização dessa metodologia permite o desenvolvimento indutivo, que exige uma interpretação com relação a fatos vividos:

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa *interpretativa*. (Pope; Mays, 2005, p.13)

Para tanto, é necessário um planejamento cuidadoso com base na intervenção utilizada, no caso dessa pesquisa, o instrumento de coleta (entrevista semi-diretiva), não pode ser indutivo, sob viés de confirmação, mas sim abrangente de modo a permitir o sujeito emergir.

Além disso, segundo Lüdke e André (2014) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte primária de dados e nesse modelo o pesquisador é o principal instrumento. Esses dados se limitam a descrever o contexto e/ou situação, e por conta disso, a importância que é dada ao processo é maior do que a do produto final. O significado que as pessoas atribuem às coisas e a sua própria vida se tornam o foco de atenção do pesquisador. E por fim, a análise dos dados costuma seguir uma metodologia por indução.

Com relação a realização dessa pesquisa em questão, ocorreu a partir de duas etapas:

- 1) Divulgação de um Forms do Google, nas redes sociais com a finalidade de obter um montante de pessoas que leram o livro e que possivelmente se enquadrem

nos requisitos exigidos para o Local de Pesquisa, citado acima. O Forms contará com perguntas simples com a finalidade de realizar uma triagem inicial, com as seguintes perguntas a respeito do participante:

- a) Nome?*; Idade?*; Estado e Cidade em que reside?*; Teria disponibilidade para se deslocar até a Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic (Perdizes-SP) para a entrevista?*; Orientação sexual? (Opcional); Se você pudesse resumir o livro a um sentimento ou palavra, qual seria?*; número de telefone para o contato?*; autoriza o pesquisador a entrar em contato via WhatsApp?*;
 - i) Questionário simples com 7 perguntas obrigatórias* e uma opcional.
 - ii) Obs: No caso do(a) entrevistado(a) necessitar de auxílio para se deslocar e chegar até a Clínica, o pesquisador fará essa orientação e se necessário, acompanhá-lo(a) no trajeto.
- 2) Dentre aqueles que se enquadrarem, serão convidados para participar da pesquisa de fato. A pesquisa seguirá o modelo qualitativo citado acima, em formato de entrevista semi-diretiva, com as seguintes perguntas:
 - a) Como você conheceu o livro? Alguém te recomendou?
 - b) Você teve dificuldade de chegar até o fim da leitura? Lia aos poucos ou leu de uma vez?
 - c) Você recomendou a leitura para outras pessoas? Se sim, qual argumento você utilizou para convencer as pessoas? Se não, o que te fez pensar que não valia a pena?
 - d) Na pergunta da triagem você respondeu “x” sobre um sentimento que resumia o livro, você poderia explicar um pouco melhor sobre essa sensação, sentimento, palavra?
 - e) Qual cena do livro mais te impactou e por quê?
 - f) Como você se sentiu depois que terminou de ler o livro? A sua rotina foi alterada ou se manteve? Os cuidados consigo mesmo mudaram? Algo novo surgiu?

População/Amostra: Cinco participantes, Adolescentes e/ou Jovens entre 15 e 20 anos que leram o livro “Os dois morrem no final”. A amostra, por se tratar de uma coleta feita através da divulgação nas redes sociais, se caracteriza no tipo “Bola de Neve”.

Esse tipo de metodologia de coleta que se denomina “Bola de Neve” é uma amostra não probabilística que utiliza uma cadeia de referências, ou seja, a medida que a pesquisa é divulgada para um centro propagador de informações (ou também chamado de *semente*), e este centro permite ser divulgado por mais pessoas. Dessa forma, não é possível ter certeza da probabilidade de inserção de determinado participante na pesquisa. Geralmente essa metodologia apresenta grande utilidade para pesquisas que encontram como barreira inicial a dificuldade de acessar o grupo a ser pesquisado ou que não se tem certeza sobre a sua quantidade.

Além disso,

A amostragem de bola de neve é utilizada principalmente para fins exploratórios, usualmente com três objetivos: desejo de melhor compreensão sobre um tema, testar a viabilidade de realização de um estudo mais amplo, e desenvolver os métodos a serem empregados em todos os estudos ou fases subsequentes (Vinuto, 2014)

Como qualquer metodologia, não existe uma única que consiga abarcar todas as necessidades que o pesquisador possui de investigar, anulando os riscos. Esse tipo de metodologia também possui alguns riscos que cabe aqui citá-los e manter um olhar crítico para essa metodologia. Ao trabalhar com grandes populações, a metodologia pode encontrar um desafio de ilustrar uma amostra representativa e aleatória, visto que pessoas mais “populares”, mais reconhecidas por terceiros, terão uma maior chance de serem indicadas para o entrevistador. Embora essa amostra seja uma boa opção para uma primeira etapa de uma investigação. Outro ponto de risco, é acessar apenas argumentações que confirmem a hipótese inicial, por indicarem pessoas de sua rede pessoal.

No caso da pesquisa a ser realizada por este projeto, ela se encaixa nos três objetivos citados por Vinuto (2014), o desejo de melhor compreensão sobre a relação entre literatura, psicanálise, adolescência, finitude e impacto da leitura; testar a viabilidade de um estudo mais amplo, sobre o impacto da leitura de maneira geral; e por fim desenvolver os métodos a serem empregados no estudo, no caso, a entrevista enquanto de caráter qualitativo servirá de base para um fim, análise dos resultados obtidos.

Entrevista: Semi-diretiva, com perguntas iniciais e orientadoras para despertar a reflexão sobre o livro. Será utilizado um recurso de gravação para ouvir posteriormente a entrevista, apenas para a finalidade de pesquisa, para transcrição e não para exposição dos dados. A pesquisa garantirá o sigilo do(a) entrevistado(a) utilizando de nomes fictícios ou abreviações. Os dados da gravação serão obtidos por meio de um aplicativo nativo de gravação, presente no dispositivo Samsung Galaxy S10E, o celular em posse do pesquisador, e o

armazenamento é feito diretamente no chip de memória do aparelho. Os dados serão apagados após a conclusão da análise dessa pesquisa, sem qualquer armazenamento em algum computador pessoal, nuvem, internet, ou derivados.

Para esse trabalho, por se tratar de uma pesquisa empírica com adolescentes, será necessário a elaboração de dois termos. Primeiro, um termo de assentimento destinado aos adolescentes participantes (aqueles que são menores de idade). Segundo, um termo de consentimento destinado aos pais ou responsáveis no caso de menores de dezoito anos. Nos casos de os entrevistados possuírem acima dos dezoito anos, será utilizado apenas o termo de consentimento. Ambos os termos precisarão passar por uma análise no comitê de ética da universidade.

Foi necessário explicitar no termo de consentimento que durante a entrevista de que ela foi gravada, que a gravação não foi utilizada para outras finalidades a não ser ouvir com mais calma o discurso de modo a reescrever o diálogo para discutir na pesquisa. Não foi nem será divulgado qualquer tipo de gravação da voz ou algo que exponha o participante como utilizar o seu nome. Em caso de desistência no meio da entrevista, o entrevistado teve todo o direito de encerrar se assim preferisse.

Análise e discussão dividida em duas partes:

Parte I - Análise teórica de alguns pontos chave do livro (recorte); temas que serão levantados na parte 2.

Parte II - Análise do discurso dos entrevistados e estudar a possível relação da temática aproximando-a da Psicanálise e da Literatura. Utilizando os subsídios teóricos levantados nas referências.

PROCEDIMENTOS

Anterior à efetivação da pesquisa, o projeto foi submetido à Plataforma Brasil juntamente do parecer ético com a finalidade de validação da pesquisa com seres humanos. Após as alterações indicadas pelo comitê, a pesquisa seguiu para a etapa de coleta de dados por meio das entrevistas, iniciando-se com a divulgação do formulário, seleção e contato com os possíveis entrevistados.

Com relação ao local de pesquisa, por conta da baixa inscrição de participantes segundo dados do Google Forms (duas respostas), que moram em São Paulo, mas que não possuem disponibilidade de irem até a Clínica da PUC, o processo de entrevista foi realizado em outro local. Ambas as participantes estudavam em uma mesma escola particular próxima ao Centro

de São Paulo e a entrevista ocorreu após o momento de aula, de tarde, em uma sala de estudos da biblioteca da própria escola. Essa sala é isolada acusticamente, e só é permitido utilizar a sala com horário marcado, ou seja, não ocorreria interrupções.

Entrei em contato pelo whatsapp de ambas as participantes e marcamos as entrevistas para ocorrerem ao longo da semana, de modo a não prejudicar os estudos das participantes, priorizando sua disponibilidade.

As duas participantes são adolescentes, a primeira entrevistada possui 16 anos (e completará 17 ainda neste ano), e está atualmente cursando o segundo ano do Ensino Médio. A segunda entrevistada, está com 14 anos, atualmente cursando o 9º Ano do Ensino Fundamental II.

As duas entrevistas tiveram uma duração média de trinta minutos, tempo suficiente para discutir sobre as questões da entrevista. As participantes acessaram também um certo nível de aprofundamento e reflexão sobre sua leitura e sobre sua vida, ambas implicadas com pessoalidade, nos relatos. Ocorreu a gravação da entrevista e, posteriormente, ela foi transcrita e apagada do dispositivo móvel (celular) do pesquisador, sem nenhuma divulgação, armazenamento ou utilização da gravação em plataformas para transcrição.

O procedimento utilizado para o processo de análise dos resultados foi o de agrupamento em categorias (ou temas) mais relevantes, que foram articuladas com a teoria levantada na revisão bibliográfica.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Por fim, antes de iniciar o processo de análise, é necessário pontuar algumas considerações previamente. A primeira é de que durante a primeira entrevista, ocorreram momentos em que o entrevistador e a entrevistada se identificaram, e de certa forma, isso pode ter alterado o rumo e o ritmo da entrevista. Em diversos momentos o entrevistador precisou ter uma postura mais ativa, perguntando e provocando R. (entrevistada 1) a se engajar durante a entrevista, e aprofundar um pouco mais as temáticas. Em razão dessa postura mais ativa do entrevistado, que demandava mais intervenção, de certo modo possivelmente causou um ruído entre aquilo que o entrevistado comunicou e o que o entrevistador escutou.

A partir dessa constatação, posteriormente à primeira entrevista, a postura do entrevistador se alterou na segunda entrevista, dando mais espaço para A. (entrevistada 2)

elaborar seu relato e ambos (entrevistador e entrevistado) sustentarem o silêncio, diferentemente do que ocorreu na primeira entrevista.

Durante a segunda entrevista, mais conteúdos apareceram, de modo profundo na segunda entrevista, porém, não é possível distinguir se ocorreu desse modo por conta da alteração na postura do pesquisador ou dos diferentes contextos vividos no passado e no presente entre as entrevistadas.

Nota: Essa pesquisa tratará as informações com maior cuidado para extrair apenas o necessário. Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão aos participantes que generosamente dedicaram seu tempo e se abriram compartilhando suas experiências pessoais e sensíveis contribuindo com esta pesquisa. Cada indivíduo desempenhou um papel fundamental na coleta de dados e no avanço do conhecimento nesta área da psicologia sobre a temática de finitude para adolescentes. Sem sua participação ativa, este estudo não seria possível. Os nomes foram ocultos e utilizando apenas iniciais que não tem relação com o nome próprio de cada entrevistada.

CONTEXTO E CULTURA

A primeira categoria que se faz essencial para a análise das entrevistas é a de contexto associada à leitura e sua relação com a cultura atual capitalista. Algo que é possível de se perceber por meio da entrevista é de que o contexto em que ambos os leitores estavam foi essencial para o modo como o livro foi lido, e em alguns casos em especial o final do livro. Como na primeira entrevista em que R. (a primeira entrevistada) estava em meio a um processo de mudança de casa, conseqüentemente alteração da rotina regular, ainda no final da pandemia e precisou se resguardar para ler o final do livro na qual aguardava tanto:

Eu lembro porque eu tava na mudança, eu lembro que foi um dia muito específico, porque foi o dia que eu me mudei e a gente teve que vir pro Guarujá, e eu estava lendo no carro, eu tinha lido um pouco e aí começou a se aproximar e eu falei “eu não vou ler isso no carro”. E aí a gente chegou na minha casa nova, e tava a maior loucura, e o meu quarto, tem a minha cama aqui, e tem um armário, e aí literalmente eu abri a porta do armário, me escondi atrás e fiquei embaixo, assim... lendo... e eu li dentro do armário... mas aí meio escondidinha ali no cantinho, chorando e eu via o povo passando com a mudança e eu ali escondidinha...(R. segundo relatado no anexo 4)

Segundo Dumont (2001), o comando da leitura, ou o modo como um texto é lido, depende de temas significativos na qual estão relacionados com a experiência de vida prévia do leitor, e não do autor. E, da mesma forma que ocorre no processo de alfabetização em que se precisa de algo atrativo, algo familiar, para que o sujeito se engaje no processo de alfabetização,

o mesmo ocorre na leitura de um livro, por exemplo. A medida que o leitor lê cada frase, gradativamente se formam representações do que está sendo lido e interpretado de maneira abrangente.

Dentre os vários conceitos que compõem o estudo da leitura, cabe destacar os de contexto, sentido e motivação advindos, em primeira instância, da sociologia, da semiologia e da psicologia, respectivamente e que se imbricam fortemente. Certamente, dentre os conceitos de interesse para a área, que possui noção mais abrangente é o de contexto. (...) A compreensão de um texto, a ser efetivada pela leitura crítica, enreda-se na percepção das relações entre o texto e o contexto. (Dumont, 2001)

O livro em si, produzido no século XXI, também está imerso em um contexto caracterizado principalmente pelo:

Hedonismo, a impossibilidade de elaborar nossos lutos, a perseguição do gozo a qualquer preço, sustentada por um discurso social que incita: "Goze de todas as maneiras possíveis!" Sempre apontando o custo, os danos que tudo isso vai provocar no psiquismo, (...) insônia, ansiedade, distúrbios alimentares, manifestações depressivas e compulsivas de todos os tipos, transtornos de déficit de atenção, esvaziamento interior, incapacidade de pensar de maneira não instrumental, paralisação do movimento desejante, entre tantas outras. (Favaret, 2011)

A partir desse contexto surge o livro "Os dois morrem no final" com uma mensagem nas entrelinhas "Gozar de todas as maneiras não é possível, por isso gozemos da maneira possível". A partir de um contexto em que o sujeito se vê obrigado a refletir sobre como aproveitar seus últimos momentos de vida, ele finalmente se autoriza para o desejo (Santos; Dalbosco, 2019).

Freud elabora em "O mal-estar na civilização", quais são as condições da sociedade atual, e segundo Saroldi (2011), é possível se pensar em uma boa e uma má notícia para a humanidade. A má notícia é que, por consequência da nossa própria constituição psíquica, estamos fadados a uma existência de muitos esforços e pouca satisfação. Porém, a boa notícia é que, devido a essa condição, a inventividade humana nos permite criar compensações para as satisfações diretas e intensas, na qual não acessamos com a frequência que gostaríamos. É por não existir um único substituto que gere uma sensação de completude, por meio da falta, criamos. Como consequência, inauguramos o que chamamos de cultura, obra da qual de modo geral nos orgulhamos. A cultura nesse sentido inclui livros, séries, filmes, músicas, tal qual A. (a segunda entrevistada) cita no seguinte trecho:

E duas coisas que me ajudaram a sair dessa depressão foi: pedir ajuda para as pessoas, porque eu não sabia fazer isso... E ler muito, eu lia muito nessa época. E eu percebia que eu estava chegando no fim e eu já sabia o que ia acontecer (...) Eu sou muito apegada nas coisas, então minha estabilidade emocional está nos livros e nas séries que eu assisto. E eu tava pensando como é que eu vou viver sem eles... eu fiquei

pensando “como que eu vou viver sem isso?”, sabe? Esse livro foi meu apoio por tanto tempo e eu tinha medo de chegar no final e me deixar pior. Eu sou muito apegada nas coisas, então minha estabilidade emocional está nos livros e nas séries que eu assisto (A. segundo relatado no anexo 5)

Tal trecho nos revela que a leitura serviu de um temporário substituto, um apoio, para que A. conseguisse lidar com situações adversas em sua vida em que seu desejo se encontrava ameaçado por uma melancolia iminente. O desejo é investido em objetos que terão um fim, mas que podem ser substituídos por outros, no caso um livro novo, uma série nova, um momento outro de vida, permitindo uma circulação e uma elaboração de um registro psíquico de que é possível lidar com a perda.

Um paralelo possível com o livro é tanto nos personagens quanto nos leitores, o desejo é submetido a uma lógica da civilização, em que nem tudo que é desejado é possível de ser obtido. Segundo Freud (1929) em *O mal estar na civilização*, o desejo de viver, assumir o protagonismo de suas vidas, de bancar o seu desejo e fazer escolhas responsabilizando-se por elas é suprimido por convenções morais que relembram o sujeito de que nem tudo é possível.

Outro ponto relevante na fala de A. é quando menciona o fato de os personagens tentarem adivinhar o que outras pessoas na cena do metrô estão fazendo de suas vidas naquele horário no metrô:

Eu gosto também, muito, quando eles brincam de passageiro de ficar falando o que cada outra pessoa tá fazendo, ah eu acho muito legal porque tipo, as vezes a gente esquece que a outra pessoa que tá passando na rua é uma pessoa, e tem uma vida. E eu gosto muito quando tem outras personagens olhando para eles tipo “ah, olha aquele dois garotos passeando de bicicleta” e eles tão tipo, vivendo toda aquela jornada e tem gente que tipo não sabe, nem imaginaria, e aquela moça que tem um nome super bonito, que ela ia se matar e ela vê os dois passando, e ela vê os dois garotos vivendo, e isso impediu ela de morrer, algo assim. E como eles marcaram a jornada de tanta gente, só vivendo. (R. segundo relato no anexo 4)

A partir dessa fala, A. conta que para ela, os personagens fazem algo grandioso e ainda que isso seja aparentemente simples para eles, andar de bicicleta na rua juntos, para outros é algo grandioso a ponto de evitar que uma moça se atirasse do prédio, após descobrir a notícia de que iria morrer também naquele dia. Ambos lidam com o fato de maneiras diferentes, revela um jogo de perspectiva por parte do autor ao descrever a cena, e do como o mundo em que habitamos está imerso na relação com o outro, por afetarmos e por ele afetados.

MORTE, TRANSITORIEDADE E LUTO

Um tema sem dúvida importante se não um dos centrais na pesquisa e na obra é a questão do luto, e do trabalho a ser feito pelo sujeito frente a esse luto. Parte da hipótese era

entender se esse livro tinha algum impacto no modo como o luto ou situações adversas são significadas e ressignificadas pelo sujeito que lê. E segundo relatos de A. o livro teve um papel central no processo de luto, o que se caracterizou em um certo investimento cultural na leitura do livro. De acordo portanto, com a hipótese de que o livro teve um impacto construtivo na elaboração do luto, embora em alguns momentos, negativo, nesse caso entrevistado:

Quando eu entrei aqui na escola eu tinha acabado de perder o meu pai. Ele se suicidou... Eu acho que esse livro foi um pouco a minha salvação. (...) Eu também tava numa depressão. (...) E foi algo muito complicado pra mim, mas algo muito revelador sobre quem sou eu no meio desse livro, sabe? Nesse livro, ao mesmo tempo foi um choque, porque eu sabia que ele ia me impactar de alguma forma ao ler a sinopse, o próprio título do livro você fica meio assim... Mas, foi algo que eu não esperava, sinceramente, porque na minha história, eu não vivia muito, parecida com o Mateo assim... Sabe, sei lá o que que eu tô fazendo aqui. Então, esse livro ao mesmo tempo que, muitas horas me deixou muito mal, foi a minha salvação, sei lá... (A. segundo relato no anexo 5)

Além disso, livros e séries revelam as possibilidades que A. encontrou de ressignificar essa perda, frequentando a psicóloga e o psiquiatra, algo importante para seu contexto. Tal fato não apareceu na entrevista de R. como um recurso, porém, o que se observa na diferença dos discursos é uma maior profundidade de questões sobre o luto em A. com relação a outra entrevistada. Isso não significa necessariamente que R. não lidou com algum luto ao longo da entrevista, mas que estar em análise pode ser entendido como um divisor circunstancial, e um facilitador para acessar questões mais profundas. Segundo Castilho e Bastos (2013),

A perda de alguém amado, da qual se vem falar ao analista, por sua vez, é um acontecimento. Ela atualiza a estrutura e requer um trabalho de luto específico, voltado para aquele objeto, a fim de que – ao invés da inibição, da depressão, da inércia psíquica a experiência da análise possa contar com os recursos da estrutura diante da contingência da perda de alguém ou algo intensamente investido. (Castilho; Bastos, 2013)

Algo de estranho permeia o livro e os leitores dele, e um efeito de curiosidade, mas também de premonição atrai o leitor para ler um livro de título *Os dois morrem no final*, quase que na tentativa de descobrir se no fim eles morrem, ou se terá alguma reviravolta decisiva. O livro nos traz uma crítica para como cada sujeito lidaria com a sua morte, algo angustiante e estranho para muitos, pouco conhecido sobre o que sucede a morte, mas que ainda que se saiba que esse é o fim, ele é um completo estranho conhecido.

Tal tema foi abordado anteriormente em um dos capítulos descrevendo o *Unheimliche* (O Estranho), tratado por Freud como algo que suscita categorias que embora opostas, se relacionam intimamente. Como citado por Dunker (2019), vivo/morto; confiança/desconfiança;

oculto/revelado; de modo que a narrativa construída pelos personagens passam por esses dilemas, e que refletem nos entrevistados em diversos momentos.

O fato de lidar com o luto seja de um ente querido, seja de si mesmos, nos colocam em uma condição similar a de uma criança, segundo Freud (1925) em seu texto *O Eu, e o ID, "Autobiografia" e outros textos* ao discorrer logo no início do capítulo sobre as *resistências à psicanálise*, nos diz que:

Um bebê que, nos braços da babá, desvia o rosto chorando, ao ver uma pessoa desconhecida; um religioso que inicia a nova estação com uma prece, e também saúda os primeiros frutos do ano com uma bênção; um camponês que se recusa a comprar uma foice que não tenha a marca familiar de seus pais. (...) em todos os casos há o mesmo desprazer. A fonte desse desprazer é a exigência que o novo faz à *psiquê*, o dispêndio psíquico que requer, a incerteza, exacerbada em angustiosa expectativa, que traz consigo. (Freud, 1925, p. 228)

O “rosto estranho” pode ser entendido como o próprio processo de luto, na tal exige uma elaboração, dolorosa, de aceitar a fatalidade angustiosa que é a morte, que não possui sentido em si. Mas é a partir dela, que podemos elaborar um sentido e dar direcionamento para o processo de luto em nossas vidas, tal qual A. relata na entrevista “Ao ver esse livro, ao me ver nele é como se eu conseguisse me curar pelos personagens...”. O livro permite espaço para que a elaboração de luto ocorra, tal qual Freud cita em *Luto e Melancolia* (1917):

Em que consiste o trabalho realizado pelo luto? (...) O exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda a libido seja retirada de suas conexões com esse objeto. Isso desperta uma compreensível oposição - observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo quando um substituto já se anuncia. Essa oposição pode ser intensa que se produz um afastamento da realidade e um apego ao objeto mediante uma psicose de desejo alucinatório. O normal é que vença o respeito à realidade. Mas a solicitação desta não pode ser atendida imediatamente. É cumprida aos poucos, com grande aplicação de tempo e energia de investimento, enquanto isso a existência do objeto perdido se prolonga na psique. (...) A resposta rápida e fácil seria que a "representação inconsciente (da coisa) do objeto é abandonada pela libido". Mas na realidade essa representação é constituída de inúmeras impressões singulares (traços inconscientes delas) e a execução dessa retirada de libido não pode ser um evento momentâneo, e sim, como no luto, um processo demorado, de lento progresso. (Freud, 1917, p. 129-140)

E parte desse processo de luto se deu como A. menciona no fato de que “Eu sabia que tinha aqui na biblioteca da escola, então eu pedi, e li em uma semana, acho que eu engoli esse livro”. Ao utilizar o livro, como nutrição frente a um momento de perda, também deixa uma questão em aberto do como a entrevistada se relaciona com o significante “devorar” visto que menciona vagamente ao longo da entrevista de que possui anorexia. É de se levar em conta que o mesmo ocorreu com a primeira entrevistada, ao relacionar o ato de ler com a palavra “devorar”, em que R. diz:

E eu demorei bastante para ler, e ela também demorou muito para terminar porque era pandemia né... e eu tava de mudança nessa época e eu fui ler durante a mudança, e pensei “ah, vou ler super...” E no final eu devorei o livro e eu adorei, assim... (...) Aí eu tenho um negócio que é assim, eu preciso acabar, preciso saber o que vai acontecer, e foi me dando uma agonia que eu precisava ler, precisava ler, precisava ler... (R. segundo relato no anexo 4)

Porém algo que se mostrou contraditório foi que apesar de ambas possuírem um desejo de chegar ao fim do livro, esse fim era visto com distância, seu fim tentava ser evitado. Segundo A. “Ah, eu tava com medo... Vai chegando e vai dando uma ansiedade assim... Não quero saber o que vai acontecer, mas você precisa saber (...) Toda vez que eu leio dá nisso, eu sei o que vai acontecer e não quero ler...” e segundo R.

Com certeza... eu fiquei, na verdade não foi em uma semana, eu li em mais ou menos uns cinco dias assim... E eu percebia que eu estava chegando no fim e eu já sabia o que ia acontecer. Eu acho que uma coisa que eu faço com vários livros, só por conta que eu sou bem insegura enquanto eu começo, e eu tento evitar o final, porque eu não sei... (R. segundo relato no anexo 4)

Por fim algo que se mostrou interessante, um achado durante a pesquisa foi a identificação de um tipo de fascínio dos leitores por outros leitores. De alguma forma, quem leu o livro apresenta um interesse por saber se outras pessoas leram, ou como é a experiência de leitura dessas pessoas, tendo como base a experiência pessoal de leitura. O mesmo também ocorria paralelamente com um dos personagens do livro ao querer saber como foi a experiência de outros “terminantes” quando recebiam a ligação, e postavam *status* nas redes sociais de seus últimos momentos em vida, além da existência de um blog chamado *Contagem Regressiva*.

Durante a entrevista tal ocorrido aparece nos seguintes momentos:

R: É tipo isso... e também não sei... eu sinto que tipo esse livro é tão pessoal que eu acho muito estranho ver outra pessoa lendo “como assim?”

J: “Como assim tem outras pessoas que leram?”

J: E qual é a sua reação quando você vê alguém lendo? Você já viu alguém lendo no metrô?

R: No metrô acho que não. Sempre que eu estou no metrô eu olho de longe e fico tipo “será que essa pessoa tá lendo?”. Mas uma vez na livraria eu vi uma menina vendo o livro e esses dias eu tava meio maluca né, aí eu cheguei e falei assim “nossa, esse livro é muito bom, não sei o que” aí ela “nossa, tô vendo aqui para comprar para a minha filha” e eu “nossa, mas você precisa comprar, esse livro é maravilhoso” aí ela ficou meio assustada, não sei se ela chegou a comprar... Mas nossa, sou maluca mesmo (R. segundo relato no anexo 4)

Por fim, o último tópico diz respeito à como as entrevistadas se relacionam com a ideia de receberem uma ligação da central da morte, e o que fariam nessa posição. Segundo R., o seu modo de lidar com a morte:

J: E se você recebesse uma ligação da Central da Morte, nesse exato momento, o que você faria?

R: Acho que ir embora da escola, eu ia pedir pra minha mãe me buscar, porque eu estaria com medo de voltar a pé, eu acho que gostaria de ir no parque ibirapuera, tentar fazer alguma amiga minha me encontrar, não sei... acho que eu ia confessar pra pessoa que eu gosto. Talvez mandar mensagem para as pessoas que eu gosto, e eu acho que eu ia fazer uma piada com isso, de muito mal gosto, então acho que eu não sei, acho que eu ia tentar deixar tudo bem claro, eu quis viver... Não deixar nenhuma pessoa mal, ficar com algum arrependimento, e tentar aproveitar enquanto ainda dá. (R. segundo relato no anexo 4)

Segundo A.,

A: Eu acho que é uma pergunta muito interessante, eu acho que eu falaria para as pessoas que eu tenho intimidade, primeiro, e... seria uma coisa muito complicada, e eu não saberia muito por onde começar, sabe? É interessante esse pensamento de receber a ligação... Eu acho que eu faria coisas que eu nunca me imaginaria fazendo, se eu sei que eu vou morrer de qualquer jeito, eu vou pichar a porta da minha casa, normalmente umas coisas assim... eu ia comer tudo que eu quisesse comer... eu tenho anorexia... então, esse livro me ajudou muito a passar por tudo que eu passei com o meu pai e pela anorexia. E quando essa ligação chegar eu acho que eu escreveria cartas, terminar umas pinturas que eu faço, pra não deixar desfeita, porque mesmo sabendo que eu vou morrer, eu queria deixar alguma coisa que durasse, e eu não sei. Eu iria pra praia. Falar coisas que eu nunca me atreveria a falar pras pessoas. É que no momento eu não consigo, eu acho que eu não teria nem coragem de olhar pra pessoa se eu falasse essas coisas. Você teria muito mais coragem quando você sabe que não vai precisar lidar com os problemas depois, e é isso que eles fazem (A. segundo relato no anexo 5)

Colocar ambos nesse exercício de refletir sobre a própria morte, também é colocá-las enquanto sujeitos que estão em uma fase de transição importante de suas vidas, de gradativamente assumirem seus desejos. Autorizar-se a viver, permitir falar o que quer ser falado, ter a coragem de bancar seu desejo, assumir sua posição no mundo e aproveitar seu momento de existência de maneira mais autêntica.

UTOPIAS: UMA ALTERNATIVA PARA AQUELES QUE VIVEM

Ao longo do livro, Mateo e Rufus (os protagonistas) se conhecem por meio de um aplicativo que se chama *Último Amigo* na qual tem a proposta de encontrar alguém, talvez um amigo, de todo modo o último, que o acompanharia em seu momento final. Tal iniciativa parece apontar uma direção para o leitor, alguém que mostre o como é possível viver e aproveitar a vida, alguém que mostre o lado divertido de todo esse processo. E é isso que ocorre nesse momento do livro, surge tal qual como uma proposta utópica, um convite para viver, ainda que nos momentos finais da vida de cada um.

A partir disso, a categoria que foi identificada tanto na entrevista de A. quanto de R. é um desejo de viver, de aproveitar os momentos de vida, o impulso criativo para novas formas

de existir e resistir aos sofrimentos do cotidiano. Essa categoria apareceu anteriormente enquanto hipótese no capítulo “Desejo e Finitude” porém, a partir dos achados a seguir, é possível afirmar que o desejo surge na iminência da morte e no momento de leitura.

Acho que a nossa cabeça é tão fechada às vezes, nas rotinas, no acordar, vir pra escola, nossos pequenos sofrimentos do dia a dia, a gente não vê como a vida é nova, vibrante e esse livro expande de uma forma que pra mim foi muito chocante. Foi tudo muito tratável ao longo do tempo, sabe? (A. segundo relato no anexo 5)

Conforme mencionado acima, o livro serviu de disparador dessa experiência de morte para o leitor, ainda que o leitor não estivesse de fato em um processo terminal, sua identificação com as figuras principais da história favoreceram o processo. Esse processo é uma conjunção de experiências desejantes, reflexivas e potencialmente utópicas.

Para ilustrar a ideia de utopia, Edson Souza em seu livro *Furos no futuro: psicanálise e utopia* (2022) expõe utopias enquanto:

As utopias sempre tiveram uma função de ativar a revolta da imaginação diante de um mundo que insiste sempre em retornar ao mesmo lugar. Elas procuram colocar em cena, mesmo em cenários de desesperança, nosso direito a imaginar outros mundos, desejar outros mundos, a sonhar outros mundos (Souza, 2022 p. 09).

A utopia surge quase que como uma arma contra o que A. menciona acima no trecho da entrevista, de que “a nossa cabeça é tão fechada às vezes, nas rotinas, no acordar, vir pra escola, nossos pequenos sofrimentos do dia a dia, a gente não vê como a vida é nova, vibrante...” de modo que o livro foi um disparador para essa reflexão, um livro que estimula utopias. Afinal, “O que provoca a invenção de utopias? A insatisfação com o ambiente em que vivemos, conclui Edson Souza, ao comentar O mal-estar na civilização de Sigmund Freud.” (Schüler, 2022 p.13).

Segundo relato, “eu ia comer tudo que eu quisesse comer... eu tenho anorexia... então, esse livro me ajudou muito a passar por tudo que eu passei com o meu pai e pela anorexia.”. O livro ajudou A. em sua relação com a alimentação, como relatou anteriormente possuir anorexia, o que revela um impacto muito positivo e de extrema relevância na vida desse sujeito.

Embora o livro possua a temática sobre morte e finitude, ele não se resume apenas a isso, *Os dois morrem no final* é um livro que vai além ao propor utopias tanto para os personagens quanto para o leitor. Convidados a viver uma nova vida, ou “a pulsão de vida que a utopia aciona no pensamento” (Souza, 2022 p.10). Parte da hipótese era de que o livro teria esse impacto de estimular os leitores a viverem, e tal fato parece se confirmar com ambas as entrevistadas.

A entrevistada menciona esse efeito, sem utilizar o termo “pulsão de vida”, mas que possui uma relação com tal fenômeno:

Eu gosto de viver. Eu não sei se eu aprendi a viver, mesmo, mas eu espero que eu ainda consiga encontrar a minha presença no presente, consiga viver aqui. Eu acho que é um ápice de experiência de auto entendimento, um conhecimento. Eu acho que não aprendi isso, mas eu espero que ao longo do tempo eu consiga chegar nesse ponto. (A. segundo relato no anexo 5)

Nesse momento, o entrevistador faz uma pergunta provocativa e questiona A. “Você acha que precisa saber viver para viver?”, e a resposta de A:

Eu acho que você pode passar uma vida sem saber viver, você pode... mas eu acho que seria muito mais interessante você saber viver vivendo. Desde muito tempo a gente é criado para trabalhar. A gente esquece que cada segundo é precioso. Você pode passar uma vida não querendo viver, eu tenho um monte de familiar que não gosta de sentir sentimento, que não muda a rotina, que não gosta de fazer nada novo, sair de casa. E eu não acho que a gente foi criado pra um propósito (...) tipo qual é o propósito disso tudo... e talvez não tenha nenhum propósito, sabe? Mas cada um tem seu propósito, você pode criar o seu propósito, viver por viver, então não precisa de nenhum motivo pra isso (A. segundo relato no anexo 5)

Quando A. conta que possui familiares que não gostam de “sentir sentimento, que não muda a rotina, que não gosta de fazer nada novo”, é o que Schüller em *Furos no futuro: psicanálise e utopia* menciona ao falar que o sujeito produz o nada que o apavora, embora “a liberdade como possível, angústia é o desejo de explorar o enigmático. Angústia e medo não se confundem, o medo estala diante de perigo determinado. (...) Angústia é liberdade, poder de criar” (Schüller, 2022 p.14)

De certo modo é cômodo se colocar em situações que não irão exigir um trabalho do aparelho psíquico para se reequilibrar após uma emoção ou sentimento perturbar a aparente “estabilidade”. Então o sujeito se expõe em menos riscos como uma tentativa de conservação de libido, ou energia psíquica, tal qual Freud menciona em *Além do princípio do prazer*, essa necessidade do organismo de buscar o estado de homeostase, embora esse equilíbrio não exista de fato.

Na verdade, o que é necessário para que o sujeito trate seu sofrimento seria justamente o contrário, o olhá-lo e escutá-lo de modo crítico, analítico,

O sofrimento psíquico pode ser recuperado em uma dimensão crítica, pois ao apontar os espaços de mal-estar em que o sujeito se encontra, interpela radicalmente cada um nas escolhas já feitas no percurso da vida e naquelas ainda por fazer. A utopia é fundamentalmente uma experiência narrativa de aposta na ficção, na criação, na fantasia e na ética do desejo. (Souza, 2022 p. 23)

A partir da dimensão crítica é possível refletir qual o nosso papel, qual a nossa responsabilidade no sofrimento em que nos queixamos, e segundo A.

Eu acho que está sendo difícil pra cada geração entender o que é ser feliz. O que é encontrar pequenas felicidades no dia a dia, mesmo no sistema extremamente abusivo e explorador, mas também conseguir ser feliz, no geral (...) então eu tô tentando, acho que pra ter uma perspectiva diferente do mundo, porque tenho um pouco de raiva também, da gente viver nesse sistema capitalista e ter que ir pra escola, depois faculdade, depois trabalhar e... E milhares de coisas. Eu viveria muito mais intensamente a minha vida, com muito mais experiências. Mas isso eu não posso mudar, eu posso mudar poucas coisas, como eu vejo as coisas, comportamentos. Me

importar menos com as coisas, acho que isso é crucial. (A. segundo relato no anexo 5)

Surge então a utopia como uma alternativa para aqueles que vivem e que desejam viver, pois é a partir do reconhecimento de nossos limites, sejam eles devido a contextos de difíceis ou do limite da própria existência de cada um que conseguimos reconhecer o que pode ser feito, e o que queremos fazer, qual a nossa prioridade. Fazer escolhas é um tema que surge no momento da adolescência e que acompanha o sujeito quanto mais avança em sua idade, assumir a responsabilidade de escolhas equivocadas e poder escolher novamente o diferente, o novo, permitem uma existência mais saudável e mais flexível consigo mesmo.

Com base nisso, podemos dizer, tal qual como Souza expõe a respeito da utopia:

A função mais importante da utopia, assim como da psicanálise, é acionar o desejo sem nunca indicar qual o caminho a seguir. Teria assim a função de ativar nossa responsabilidade na construção da história nos convocando a agir e tomar posições diante dos desafios da vida. (Souza, 2022 p.36)

A escolha da psicanálise como orientação dessa pesquisa teve como base o modo como é encarada a existência nessa perspectiva, a de responsabilizar o sujeito do desejo. Isso significa não indicar um protocolo, um modo de viver, uma ética do como se deve viver ou quais passos seguir para atingir a felicidade pois, enquanto a psicanálise se localizar no lugar de uma ética do desejo, a angústia está posta. Angústia e desejo estão imbricadas, o que não significa que o desejo será ofuscado, mas que ao aceitar a angústia de que não temos certeza de quase nada, e que é a partir disso que podemos criar, é que o sujeito está livre para criar novas formas de existência e de resistência em um mundo cada vez mais violento e intolerante.

CONCLUSÃO

A pesquisa se iniciou com a proposta de entender o impacto subjetivo da leitura, e extrapolou sua reflexão para o impacto das escolhas em nossas vidas, a responsabilização por elas e o como podemos criar novas formas de existir. Desde as discussões em capítulos sobre o livro em questão, a figura do leitor, a relação entre psicanálise e literatura, o desejo e finitude, o estranho e demais outras questões, foi possível dar a devida profundidade que tal tema exigia. O material teórico serviu de grande apoio para a pesquisa em questão, sendo fundamental a utilização de diversos livros para a construção do tema.

A escolha de uma entrevista semi diretiva proporcionou uma maior proximidade com o leitor, porém, durante a primeira entrevista ocorreu uma maior identificação entre o entrevistador e a entrevistada. Tal fato pode ter prejudicado o modo como os dados foram apresentados ou ditos pela entrevistada.

A partir da identificação dessa situação, logo na segunda entrevista a postura do entrevistador foi revisada e modificada, de modo que a segunda entrevista pode ser melhor aproveitada, o que não retira a significância e a importância da primeira entrevista, ambas foram cruciais.

Com base nos resultados apresentados na entrevista e a reflexão no processo de análise, foi possível identificar que houve sim, um impacto da leitura nas singularidades de cada entrevistado. A leitura os afetou e provocou sentimentos ambíguos, ou seja, tanto os sentimentos construtivos que potencializam a vida do leitor quanto sentimentos negativos que inibem, por vezes, o desejo. Os efeitos advindos da leitura são complexos por se tratar de uma obra, em que cada um é afetado singularmente, naquilo que lhe cabe a partir de sua história de vida, contexto, traumas passados e recursos disponíveis para enfrentar as adversidades da vida.

Em ambos os casos estudados nas entrevistas, as adolescentes parecem ter desenvolvido uma outra perspectiva sobre a finitude, os fins de ciclos, a morte e demais outras limitações que a vida impõe. Aparentam lidar melhor com os limites que fogem das suas possibilidades de atuação, e se mostram mais abertos a fazer o que for possível, de modo que o “fazer tudo, gozar de tudo, ter o máximo de prazer, felicidade”, em suma, o ápice da vida tal qual o capitalismo vende, não é possível. E a partir dessa ideia, cada um se autoriza naquilo que diz respeito a seu próprio desejo, e pensar no que é possível para cada um, naquele momento de vida, com os recursos que cada um possui.

A leitura contribuiu para ambos enfrentarem seus próprios conflitos, mas não só ela, e sim um conjunto de ações, como no caso de A. (entrevistada 2), que frequenta psiquiatra e psicólogo, além de ter momentos de prazer que antes não tinha tanto, ou não se atentava para isso. A leitura ampliou seu repertório de identificação e possibilidades de ser e lidar com a morte, se espelhando nos personagens principais (Mateo e Rufus).

Em ambos os casos, o que gerou inibição foi se aproximar do fim do livro, curiosamente, do momento final da vida dos personagens. Uma ambiguidade de querer saber se o fim é esse mesmo, ou se ainda resta alguma esperança de vencer a morte, e que a Central da Morte na verdade teria cometido um engano e que ambos não morreriam no final. De todo modo, apesar de adiarem o encontro com o fim do livro, esse encontro com a morte eventualmente ocorreu, e foi transformador para ambas as entrevistadas, tal qual relataram.

Algumas questões ainda ficam em aberto como: quais outros impactos esse livro pode provocar nos sujeitos? A idade alteraria o impacto se por acaso o entrevistado fosse mais velho? Como seria se os entrevistados fossem meninos (que se identificam dessa forma)? Quais

impactos outros livros podem provocar e, até que ponto podemos mensurar o impacto de um livro em nossas vidas? Seria necessário, para pesquisas futuras também, investigar as relações de pessoas anoréxicas com o livro em questão, que além de servir de apoio em processos de luto, o livro parece estimular a leitura como se o sujeito estivesse devorando algo, como uma fome insaciável, mas que aparece a princípio, no momento de leitura. Uma pesquisa que envolvesse mais sujeitos e entendesse como foi o impacto da leitura (seja desse livro, seja de outros) durante a pandemia seria interessante novamente para analisar o potencial criativo e significativo da literatura em nossas vidas em momentos catastróficos e desastrosos.

Apesar de ambos os personagens morrerem no final, e o autor dizer que todos nós morreremos no final, de modo que a morte é inescapável, o que nos fica são algumas reflexões citadas acima. Mas talvez, para além disso, se no momento final da vida deles, se até aquele ponto eles aproveitavam seu tempo de vida (algo que não faziam antes de receber a ligação), não viviam, no fim eles viveram ou no fim eles morreram? Embora no fim, Mateo e Rufus não sobrevivam, os dois morrem no final, é no fim, porém, que percebemos: os dois vivem no final, os dois viveram até o final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, Glória; BASTOS, Angélica. (2013). A função constitutiva do luto na estruturação do desejo. *Estilos Da Clínica*, 18(1), 89-106. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v18i1p89-106>

CHAUÍ, Marilena. Breve consideração sobre a utopia e a distopia. In: **Filosofia e Cultura: Festschrift em homenagem a Scarlett Marton**. São Paulo: Barcarolla, 2012.

CLÍNICA, Redação Psicanálise. Distopia: significado no dicionário, na filosofia e na psicologia. Disponível em: <<https://www.psicanaliseclinica.com/distopia/>>. Acesso em: 29 maio 2023.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Contexto, leitura e subjetividade. *Transinformação*, v. 13, n. 1, p. 43-47, jan. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/gkNdrR4fFjFfSBD3PrdJwNc/?lang=pt#> Acesso em: 12 maio 2024

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Folain de; SILVA, Eduardo Miranda. Distopia e gêneros narrativos: a hipertrofia do presente. **RuMoRes**, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 290-310, 2022. DOI:

10.11606/issn.1982-677X.rum.2022.200393. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/200393> Acesso em: 25 jun. 2023.

FREUD, Sigmund. (1919). O infamiliar / Das Unheimliche, seguido de O Homem da Areia. Trad. Ernani Chaves, Pedro H. Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica.

_____. (2010). “O inquietante”. **Obras completas, vol. 14**. Paulo César de Souza (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Introdução ao narcisismo (1914). In: S. Freud, **Obras Completas, vol. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: S. Freud, **Obras Completas, vol. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. As resistências à psicanálise. In **Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. (pg. 228). (P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Texto original de 1925).

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201–215, 2013. DOI: 10.5007/2175-7917.2013v18n2p201. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201> Acesso em: 25 jun. 2023.

IANNINI, Gilson; Tavares, Pedro Heliodoro. (2019). “Freud e o infamiliar”. In: **FREUD, S. O infamiliar / Das Unheimliche, seguido de O Homem da Areia**. Trad. Ernani Chaves, Pedro H. Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2ª edição. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014 (pg. 39). Disponível em:
https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod_resource/content/1/Lud_And_cap_3.pdf Acesso em: 20 jun. 2023.

MACEDO, M. M. K.; POLI, M. C.; BECKER, A. L. Adolescência e psicanálise intersecções possíveis. In: **Capítulo 10 - Adolescência: uma abordagem da psicanálise lacaniana**. Porto Alegre Edipucrs, 2012.

PIGLIA, Ricardo. O último leitor. [s.l.] Editora Companhia das Letras, 2006.

ROSA, Miriam Debieux; CARMO-HUERTA, Viviani. O que resta da adolescência: despertar nas fronteiras e nos fronts. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 25, n. 1, p. 5-20, abr. 2020 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282020000100002&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 25 jun. 2023.

SANTOS, R. dos; DALBOSCO, J. R. A afirmação da finitude como possibilidade para a responsabilização do desejo: notas a partir de Heidegger e Lacan. *Griot : Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 215–225, 2019. DOI: 10.31977/grirfi.v19i1.1162. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/1162> Acesso em: 30 maio. 2023.

SAROLDI, N. O mal-estar na civilização - *As obrigações do desejo na era da globalização*. Coleção para ler Freud. Editora Civilização Brasileira, 2011.

SILVERA, A. Os dois morrem no final. São Paulo, SP. Intrínseca, 2021.

SOARES, Simaria de Jesus. (2020). PESQUISA CIENTÍFICA: UMA ABORDAGEM SOBRE O MÉTODO QUALITATIVO. **Revista Ciranda**, 3(1), 1–13. Recuperado de <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/ciranda/article/view/314>

SOUSA, Edson Luiz André. Furos no futuro: psicanálise e utopia. Porto Alegre: Artes e ecos, 2022.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. **Psyche (Sao Paulo)**, São Paulo , v. 9, n. 16, p. 115-132, dez. 2005 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200008&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 25 jun. 2023.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. **Saúde e Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 651–667, jul. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/MPd7wLPgMsbt9PmMJmC6h5y/?lang=pt> Acesso em: 30 maio. 2023.

VILLARI, Rafael Andrés. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 20, n. 2, p. 2–7, jun. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932000000200002> Acesso em: 22 junho. 2023.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 22 set. 2023.

ANEXOS

ANEXO 1 - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) Sr.(a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa Os dois (não) morrem no final: Psicanálise, Literatura e Adolescência, realizada pelo pesquisador Jonathan Santos

Soares sob orientação do professor Ricardo Radin Bueno. Nesta pesquisa, pretende-se analisar o impacto da leitura do livro “Os dois morrem no final” nos adolescentes entrevistados. O motivo dessa pesquisa se dá em virtude da necessidade de se discutir e estudar mais sobre essa temática da finitude no período da adolescência, um período crítico de mudanças biológicas, psicológicas e sociais. Um período em que ele precisa se reinserir no coletivo, a partir de outra posição, a de jovem adulto, que é responsável pelos seus atos e escolhas, ao passo que também possui uma tarefa de se reconhecer enquanto sujeito, a sua identidade.

Para esta pesquisa, será adotado o seguinte procedimento:

Será realizada em três etapas: I - Divulgação de um formulário no Google Forms com a finalidade de realizar um levantamento dos adolescentes que apresentam interesse de participar da pesquisa; II - Entrevista semi-estruturada com um questionário breve e discussão da temática abordada no livro e a relação com a vida do entrevistado. A entrevista será gravada em áudio para uma análise posterior; III - Análise do discurso da entrevista em relação com a bibliografia levantada como base teórica. Para a realização dessa pesquisa o (a) Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusa-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação em qualquer momento. Os dados da gravação serão obtidos por meio de um aplicativo nativo de gravação, presente no dispositivo Samsung Galaxy S10E, o celular em posse do pesquisador, e o armazenamento é feito diretamente no chip de memória do aparelho. Os dados serão apagados após a conclusão da análise dessa pesquisa, sem qualquer armazenamento em algum computador pessoal, nuvem, internet, ou derivados.

Sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará em qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pela pesquisadora, que tratará sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. O nome do adolescente e dos familiares não serão divulgados e os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Também não será divulgado quaisquer falas do (a) entrevistado (a) durante o processo de gravação. O (A) Sr. (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar. Este estudo apresenta risco de gerar constrangimento aos participantes e seus responsáveis legais devido a delicadeza da temática e o momento vivenciado pelos voluntários, possivelmente sensibilizados pela temática do livro.

Participando da pesquisa, você ajudará na produção de conhecimento científico a respeito do como adolescentes lidam com a finitude, e o impacto da leitura em suas vidas. Tanto o (a) participante quanto o seu responsável terão direito de atendimento psicológico mediante agendamento na Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic (PUC-SP) que presta serviços gratuitos à comunidade local (no endereço: R. Alm. Pereira Guimarães, 150 - Pacaembu, São Paulo - SP, 01250-000) e/ou qualquer um que precise de atendimento psicológico. A possibilidade de atendimento psicológico na clínica se mantém tanto para casos de desistência (interrupção da pesquisa) ou encerramento, e a garantia de atendimento também se aplica para casos de possíveis danos gerados pela pesquisa.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao (à) senhor (a). Os dados utilizados são arquivados com o pesquisador responsável por um período de 05 (cinco) anos e, após este período, serão destruídos. O pesquisador tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, conforme

a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar.

Essa pesquisa está de acordo com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, caracterizado por ser órgão multidisciplinar, independente no exercício das suas funções e investido de múnus público, com finalidade de salvaguardar os direitos e a dignidade dos sujeitos de pesquisa, bem como de contribuir para uma contínua preocupação e evolução dos padrões éticos na pesquisa. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador através do e-mail jonathanr41@gmail.com , e pelo orientador Prof. Ricardo Radin Bueno (CRP 06/95979) através do email ricardoradin@gmail.com ou na Secretaria do CEP-PUC/SP Monte Alegre, que está localizada no térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo), na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 Tel./FAX: (11) 3670-8466 | e-mail: cometica@pucsp.br. Horário de atendimento do CEP ao Público: Das 11h00 às 13h00 de 2a a 4a feira e das 15h30 às 17h00 de 5a e 6a feira.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

São Paulo, _____ de _____ de _____

Assinatura do(a) participante

Assinatura do pesquisador
R.G. 50.290.621-2

ANEXO 2 - TALE

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Oi, tudo bem? Meu nome é Jonathan Santos Soares. Quero convidar você a fazer parte de um estudo meu sobre adolescentes leitores como você. Nós já informamos o adulto responsável por você e esse adulto permitiu a sua participação. Meu interesse com essa pesquisa é de saber como foi ler “Os

dois morrem no final” para você, pra isso preparei algumas perguntinhas que irão orientar o nosso encontro, a ideia é que seja algo leve, uma conversa de maneira livre, para que você se sinta à vontade durante a pesquisa. Gostaríamos muito de contar com você, mas você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir no meio do processo.

A pesquisa será feita em um prédio chamado Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic, onde nós realizaremos essa conversa. Para isso, você não precisa levar nada de casa. Eu vou gravar o áudio das coisas que você falar, unicamente para eu conseguir me aproximar mais do que a leitura significou para você. E esse áudio está sob sigilo, ninguém terá acesso a ele a não ser eu mesmo.

Esse meu estudo é muito seguro, mas talvez você se sinta envergonhado ou sem graça em algum momento. Se acontecer algo que você não goste ou se você tiver alguma pergunta, você ou o adulto responsável pode nos procurar pelos contatos que estão aqui neste texto, lá no final. A sua participação é muito importante porque você pode ajudar outros adolescentes que leram esse livro e se sentiram afetados negativamente, ou estejam passando pelo mesmo processo que você está passando, após a leitura desse livro. Você pode ajudar esses adolescentes a enfrentarem essa experiência que pode ter sido difícil ou não e buscar ajuda mais rápido, se sentir necessidade.

E se por acaso algo te deixar chateado (a) durante a pesquisa, você tem direito de solicitar por atendimento gratuito nessa mesma clínica, seja interrompendo a entrevista na hora, ou mesmo após o encerramento da própria conversa. Seu nome, idade, tudo sobre você será segredo, ninguém vai saber que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem mostraremos a estranhos coisas que você falar. No final, este meu estudo vai ser publicado, mas eu não vou falar que foi você, nem divulgar seu nome, nada disso, nem imagens nem áudios de gravações. Vou gravar pelo meu celular, através de um aplicativo de fábrica (ou seja, próprio da Samsung, que vem instalado no aparelho), os dados de gravação não serão divulgados e serão deletados após a conclusão da análise dessa pesquisa.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Os dois (não) morrem no final: Psicanálise, Literatura e Adolescência”. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva ou chateado comigo. O pesquisador falou comigo, respondeu tudo o que perguntei e conversou com os meus responsáveis legais.

_____ de _____ de 2021.

Assinatura do menor

Assinatura do pesquisador responsável

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador através do e-mail jonathanr41@gmail.com, pelo orientador Prof. Ricardo Radin Bueno (CRP 06/95979) através do email ricardoradin@gmail.com, ou na Secretaria do CEP-PUC/SP Monte Alegre, que está localizada no térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo), na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 Tel./FAX: (11) 3670-8466 | e-mail: cometica@pucsp.br. Horário de atendimento do CEP ao Público: Das 11h00 às 13h00 de 2a a 4a feira e das 15h30 às 17h00 de 5a e 6a feira.

ANEXO 3 - QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS

Os dois (não) morrem no final: Psicanálise, Literatura e Adolescência

Oi, tudo bem?

Meu nome é **Jonathan Santos Soares**, sou estudante de Psicologia do 5º ano pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e quero convidar você a fazer parte de um estudo meu sobre adolescentes leitores como você! Esse estudo se trata de um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), sob orientação do Prof. Ricardo Radin Bueno da FACHS (Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde) da PUC-SP.

Meu interesse com essa pesquisa é de saber como foi ler “Os dois morrem no final” para você, pra isso preparei algumas perguntinhas que irão orientar o nosso encontro, a ideia é que seja algo leve, uma conversa de maneira livre, para que você se sinta à vontade durante a pesquisa. Gostaríamos muito de contar com você, mas você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir no meio do processo.

Essa pesquisa foi dividida em dois momentos:

- Momento I - Triagem e Coleta de dados por meio do *Google Forms*.
- Momento II - Encontro presencial comigo para conversarmos sobre o livro.

Obs.: De preferência estou procurando pessoas que morem na região da Grande São Paulo ou que tenham disponibilidade de ir até à Clínica Psicológica da PUC (Ana Maria Poppovic - Endereço: R. Alm. Pereira Guimarães, 150 - Pacaembu, São Paulo - SP, 01250-000) e que possam me encontrar presencialmente lá para a conversa. Para isso, precisarei entrar em contato pelo seu whatsapp, para marcarmos o dia e horário possível para a conversa, tudo bem?

Muito obrigado pela sua participação! É muito importante para seguirmos construindo conhecimento científico sobre um tema tão importante como a literatura LGBT, sobretudo desse livro.

Perguntas:

1. Qual seu nome?

2. **Quantos anos você tem?**
3. **Qual estado e cidade você mora?**
4. **Teria disponibilidade para se deslocar até a *Clínica Ana Maria Poppovic* (PUC-SP) em Perdizes? (Endereço: R. Alm. Pereira Guimarães, 150 - Pacaembu, São Paulo - SP, 01250-000)**
5. **Qual sua orientação sexual? (Resposta opcional)**
6. **Se você pudesse resumir o livro (*Os dois morrem no final*) a um sentimento ou palavra, qual seria?**
7. **Qual o seu número de telefone? (ddd + número) (Obs.: O numero não será divulgado, apenas com a finalidade do pesquisador entrar em contato).**
8. **Autoriza o pesquisador a entrar em contato via Whatsapp?**

ANEXO 4 - ENTREVISTA 1

TRANSCRIÇÃO

J: Bom, deixa eu anotar seu nome aqui... você disse que tem 16 anos, né?

R: Sim !

J: Você disse ter lido cinco vezes, né?

R: Seis... (risos)

J: Seis vezes?

R: Eu acho que foram seis, quase certeza... É, por aí.. Mas a primeira vez que eu li foi em 2021, eu tinha... 13 anos.

Como é que você conheceu esse livro? Quem te recomendou ele?

R: É... foi uma amiga minha que... Porque assim eu já tinha visto esse livro na internet, eu tinha visto um meme com esse livro, mas tipo, parece ser muito triste... E aí, é... Porque assim, eu faço aniversário em outubro e a gente estava na pandemia, e minha amiga queria me dar um livro e ela comprou esse e um outro pra mim, meio que como uma piada porque ela dizia que eu adorava livro triste, e ela dizia assim “ah, agora sim você vai ler um livro triste”, ai não.. Não sei o que... E eu demorei bastante para ler, e ela também demorou muito para terminar porque era pandemia né... e eu tava de mudança nessa época e eu fui ler durante a mudança, e pensei “ah, vou ler super...” E no final eu devorei o livro e eu adorei, assim... E depois, ela só começou a ler ano passado, então foi meio que uma piada que eu adorei...

J: Então você conheceu ele durante a pandemia?

R: Bem no finalzinho...

J: Já não tinha mais ninguém isolado, né?

R: Então, não... Mas assim, o que aconteceu nessa época, como eu tava de mudança, eu fui morar no Guarujá, então meio que eu estava isolada dos meus amigos, mas ainda estudava em São Paulo, então estava corrido... Mas já era férias, e mesmo assim eu já estava isolada... E ainda tinha essa coisa da pandemia, não poderia sair... No final, mas ainda tava meio assim...

J: E essa sua amiga leu também, né?

R: Ela começou mas não chegou a terminar... É que ela é assim... começa as coisas e para... Mas eu também já fiz muita gente ler esse livro...

J: Ah, eu imagino, nossa... E é muito difícil você explicar o que você sente, quando você lê...

R: Exatamente! Porque tipo, a pessoa pensa “ah, deve ser triste, você já deu um spoiler...” Não! Mas é sobre a jornada... porque no final todo mundo morre... Mas o começo do livro... é que eu sinto vergonha... Eu sinto que o começo do livro até engajar eu acho meio vergonhoso, eu acho que muita gente para aí... E aí tipo, nossa! Eu acho que tem uma coisa de livro, que quando você gosta, mesmo que tenha uma coisa que você saiba, eu sinto que vira meio que um segredo entre os fãs... é uma coisa que você gostou tanto da jornada, que não importa, só que antes, o começo para engajar é muito difícil. Eu acho que muita gente larga o livro aí. Só que eu tenho comigo que eu não largo um livro, e quando eu comecei esse aí, eu fiquei...

J: Foi até o fim... Nossa, você leu tudo, né? Até as notas do Adam?

R: Então, na primeira vez eu não li, me recusei... Mas depois eu li, e eu fiquei zuando...

J: Ele interliga tudo...

R: Eu adoro livro com várias perspectivas, que uma coisa que gostei muito desse, não sei, eu prefiro assim mesmo

J: Sim, não é focado em um personagem só...

R: Tanto que é uma coisa que a minha amiga não gostou “ai, muda toda hora... “ mas aí eu falei “mas essa que é a graça...” enfim...

Você não teve nenhuma dificuldade para chegar até o fim?

R: Ah, eu tava com medo... Vai chegando e vai dando uma ansiedade assim... Não quero saber o que vai acontecer, mas você precisa saber, tipo, e também uma coisa desse livro é que ele passa em um dia, né? Aí eu tenho um negócio que é assim, eu preciso acabar, preciso saber o que vai acontecer, e foi me dando uma agonia que eu precisava ler, precisava ler, precisava

ler... E também eu tava no meio da mudança, tava escondida, terminei de ler o livro, mas tipo realmente... Toda vez que eu leio dá nisso, eu sei o que vai acontecer e não quero ler...

J: É basicamente, você quer ler porque gostou do livro, mas não quer chegar ao fim porque não quer que o livro acabe...

R: É, e tipo também eu sei que o que vem é uma paulada... Mas eu sei que eu não posso simplesmente largar o livro... Não, tá no título, você tem que chegar no final, você não sabe o que vai acontecer... O que me dá é que tipo, você sabe o que vai vir, e que eu não quero ver isso acontecendo. Mas que tipo, se eu já comecei, né...

J: E você lembra onde que você tava quando começou o final, quando um deles começou a morrer... Que lugar que você tava...

R: Eu lembro porque eu tava na mudança, eu lembro que foi um dia muito específico, porque foi o dia que eu me mudei e a gente teve que vir pro guarujá, e eu estava lendo no carro, eu tinha lido um pouco e aí começou a se aproximar e eu falei “eu não vou ler isso no carro”. E aí a gente chegou na minha casa nova, e tava a maior loucura, e o meu quarto, tem a minha cama aqui, e tem um armário, e aí literalmente eu abri a porta do armário, me escondi atrás e fiquei embaixo, assim... lendo... e eu li dentro do armário... mas aí meio escondidinha ali no cantinho, chorando e eu via o povo passando com a mudança e eu ali escondidinha...

J: Nossa, e é isso né, você sabia que ia acontecer, e você já se preparou né..

R: É... eu não vou... eu preciso de um tempo pra mim... pra ler essa última parte...

J: Eu lembro que lendo esse livro, eu chorei em vários momentos, mas quando eu sabia que tava chegando no final do livro, eu não sei, eu tava pressentindo que ia acontecer alguma coisa, que o fim do livro tava acabando, estava vendo as páginas encurtando e eu falei, tava lendo no metrô...

R: Tava lendo no metrô...

J: É, exatamente... não, mas sabe o que é mais interessante, todo dia de manhã, antes de vir para cá, e também quando eu tava voltando pra casa da faculdade, eu lia e... É que você acabou lendo ele primeiro que eu, você conheceu ele antes de mim, eu comecei a ler depois... Mas eu lia ele, no metrô, e era muito significativo...

R: É, eu lembro que lá em Nova York, eu fui ano passado, com os meus pais, e eu ficava assim: “meu deus, será que tem... imagina tem alguém tipo eles no metrô, no mesmo lugar que eles, eu tô maluca...”

J: Não, mas faz todo sentido eu ter te perguntado onde que você leu, quando você tava no final do livro, porque onde você tá lendo... porque também você tá num trajeto ali do seu dia, e eles

também estão no trajeto deles ali, e isso tem uma certa relação... Mas eu lembro que quando eu estava chegando no fim, eu falei “não, eu não vou conseguir ler”, quando eu comecei a ver a primeira cena, a cena que o Mateo acendeu o fogão, na hora que começou a descrever o que estava acontecendo eu falei “não, não vou ler”, e eu lembro que eu estava ouvindo uma playlist que assim, eu montei uma playlist só pra ler esse livro e aí eu tava na playlist e eu falei “não, eu não vou ler isso aqui” aí eu pausei a playlist, ficou um silêncio, fechei o livro, guardei na mochila e falei “vou ler isso em casa” aí eu li em casa e chorei muito, foi impactante, eu fiquei muitas horas deitado na cama, olhando pra cima pensando assim “o que que eu acabei de ler?”

R: É... tipo eu lembro que eu reagi muito com o meu corpo... Eu preciso assim, dissipar energia... Eu lembro quando ele veio falar do fogão, fiquei tipo, “AH !”, eu lembro que eu tomei um susto assim... “Não ! Não pode ser...” e eu tava lendo desesperada... E quando ele começa a falar que tava no saco preto, nossa... E a última fez que eu li eu nem chorei nessa parte, eu chorei quando ele tava no quarto, falando com o pai dele... nossa.

J: Sim o Rufus né... e quanto e quando acontece a explosão, o Rufus vai até o corpo do Mateo e ele não consegue entender o que tá acontecendo... de tão chocante que é, sabe?

R: Nossa... não dá...

J: E.. você falou que recomendou para muitas pessoas, né?

R: Sim... eu dei de presente de aniversário para três pessoas, eu acho... e também eu só falava disso, eu tenho hiper foco né, então eu só falava disso, e eu falava para todos os meus amigos lerem, e fiz todos os meus amigos lerem. E eu quero falar do livro para a pessoa, mas eu não quero que ela conheça, porque esse livro é meu. Eu quero que a pessoa leia mas ao mesmo tempo: “não, não quero que você venha me falar sobre ele, eu conheço ele, não pode falar nada”

J: Para não afetar a memória que você tem sobre o livro... ou o que você acha sobre o livro...

R: É tipo isso... e também não sei... eu sinto que tipo esse livro é tão pessoal que eu acho muito estranho ver outra pessoa lendo “como assim?”

J: “Como assim tem outras pessoas que leram?”

R: É tipo isso... Ai eu gosto muito... aí minha mãe falou que queria ler, aí eu falei “não, não, não, não é da sua geração, deixa quieto”

J: E qual é a sua reação quando você vê alguém lendo? Você já viu alguém lendo no metrô?

R: No metrô acho que não. Sempre que eu estou no metrô eu olho de longe e fico tipo “será que essa pessoa ta lendo?”. Mas uma vez na livraria eu vi uma menina vendo o livro e esses dias eu tava meio maluca né, aí eu cheguei e falei assim “nossa, esse livro é muito bom, não sei o que” aí ela “nossa, tô vendo aqui para comprar para a minha filha” e eu “nossa, mas você precisa

comprar, esse livro é maravilhoso” aí ela ficou meio assustada, não sei se ela chegou a comprar... Mas nossa, sou maluca mesmo

J: E como está o seu livro?

R: O meu já tá todo, pedindo socorro porque eu rabisquei inteiro... Na primeira vez eu não rabisquei tanto, na segunda vez eu falei talvez... Daí depois que eu olhei e eu vi as anotações eu pensei “nossa que louca que eu tava...” daí depois eu fui no Central Park, botei uma folhinha do parque dentro do livro, que achei super simbólico e tal, e também tem tipo, tem anotação, tem parte rabiscada, tem lágrima, e eu já levei ele pra tudo quanto é canto, e a ele é a minha cópia do livro. Esse eu nunca vou emprestar pra ninguém, porque é muito especial mesmo.

J: Que legal, é um livro bem significativo pra você e acho que pra muitas pessoas que leram...

Com relação a palavra ou sentimento que você respondeu no forms, sobre o livro, que representasse ele, qual você chegou a pensar?

R: Então... Eu pensei muito e eu não conseguia pensar porque é muito difícil, eu ia colocar tipo “drama”, eu ia colocar “vida” daí eu coloquei drama. Eu acho que tipo... uma coisa que eu gosto muito “drama” não é tipo, não sei explicar, mas eu gosto de tipo não exatamente negócio teatral, mas eu gosto... Porque eu sinto, é um sentimento que eu não sei explicar muito bem, é um sentimento de sentir... tipo assim, se sentir vivo mas, algo intenso, que esse livro eu sinto muito que eu tô lá com eles, que eu to vivendo, que eu to fazendo tudo com eles. E eu sinto muito isso, que é tipo um drama no sentido de sentir muito. E é isso que eu sinto lendo esse livro, é tipo uma “ansiedade pro bem” mas eu sinto as coisas muito intensas, e eu gosto de coisas assim, porque falta na vida né...

J: E é a experiência do livro né o tempo todo eles estão nisso, né? Nessa intensidade de “meu deus o que que eu vou fazer? Meu tempo tá acabando”. Eu acho que essa palavra que você falou “vida” tem muito a ver com isso também... “drama” também... talvez “drama da vida”

R: Porque uma palavra só seria muito difícil

J: Sim, foi um desafio mesmo, pra saber o que que mais pegou, o que que mais significou.

R: Eu ia colocar drama, e pensei que as pessoas não entendem.

J: É, e isso é pra várias coisas, assim... quando a gente usa uma palavra, isso diz muito mais sobre a gente do que sobre o que as outras pessoas pensam sobre aquela palavra.

E qual cena do livro te impactou muito?

R: Nossa, acho que a que eles estão no cemitério e o Mateo entra na cova, nossa... E eu gosto muito quando eles tão se conhecendo. Ainda mais porque eu fui ver a estátua. E o Mateo fala “Nossa eu sou um turista na minha própria cidade”, e eu achei isso muito legal, porque eu tenho essa vontade de querer conhecer a cidade, pegar metrô, não sei o que. Mas eu sou nova ainda, mas eu gosto muito que tem uma reflexão sobre isso, né? E essa cena eu gosto muito. Eu adoro a cena que eles estão no Karaokê, que estão todo mundo junto. E é uma coisa que tá todo mundo lá sentindo “ah é como se fosse uma estrela” porque é isso sabe, e dane-se o que as pessoas vão pensar sabe. Eu gosto muito muito dessa cena. Quando eles vão pular da cachoeira também, e o Mateo fica todo “vida loca”. Ele fala no começo do livro da foto pra botar no perfil (do aplicativo “O último amigo”) e o Rufus fala no pov dele, que ele gostou muito da foto, “olha, ele tem cara de ser gente boa”. Então tipo o Rufus gostou da foto porque aquela foto era o que o Mateo queria ser, e o Rufus ajudou o Mateo a ser essa pessoa. Achei isso genial. E eu gosto muito de pensar que um foi ajudando o outro, ai, não sei... O Mateo teve sempre isso dentro dele, mas é como um tivesse ajudado o outro.

J: É quase como se um tivesse ajudado a despertar algo no outro que já estava lá.

R: É, isso! Como se eles se completassem, mas não como se tivesse faltando algo um no outro, mas é isso aí que você falou. E eu gosto também, muito, quando eles brincam de passageiro de ficar falando o que cada outra pessoa tá fazendo, ah eu acho muito legal porque tipo, as vezes a gente esquece que a outra pessoa que tá passando na rua é uma pessoa, e tem uma vida. E eu gosto muito quando tem outras personagens olhando para eles tipo “ah, olha aquele dois garotos passeando de bicicleta” e eles tão tipo, vivendo toda aquela jornada e tem gente que tipo não sabe, nem imaginaria, e aquela moça que tem um nome super bonito, que ela ia se matar e ela vê os dois passando, e ela vê os dois garotos vivendo, e isso impediu ela de morrer, algo assim. E como eles marcaram a jornada de tanta gente, só vivendo.

E como você se sentiu depois que terminou o livro? Qual sensação que veio?

R: Nossa... por um lado você fica “desolado” tipo “meu deus, por que?” por um lado você fica sem chão, mas por outro você fica tão emocionado de ter passado por aquela jornada com eles. Tem livros que eu chego no final e fico tipo “que coisa idiota”, e esse não, e ele fala na nota que seria um descompromisso com os personagens né. E eu senti que tipo, completou a jornada, não é que foi de graça. E eu senti que tinha completado tudo, e que eu me senti completa assim...

E a sua rotina depois de ler esse livro? Alguma coisa mudou na sua vida?

R: Ah, eu comecei a divulgar para todo mundo. E eu fiquei pensando, e se a Central da Morte me ligasse hoje, e eu estava pensando em tudo que eu iria fazer, ia sair avisar minha amiga, pegar o Metrô. Mudou que eu comecei a falar para todo mundo, e eu fiquei... E eu lembro que no primeiro dia na casa nova eu passei um dia inteiro pensando nesse livro, e aí eu escrevi umas coisas extras, tipo uma cartinha no fim do livro, e eu fiquei nossa, tipo, maluca. Eu escrevi meio que tipo, o que eu adicionaria, aí eu coloquei uma citação de outro livro que eu gosto. E o importante não foi o final, foi o que eles viveram. Aí eu dobrei e guardei. Mudou que eu comecei a pensar quase todo dia nesse livro, por muito tempo, e virou tipo, eu não gostava muito de falar “ah, tenho um livro favorito” e agora não, eu tenho. E agora busco em todo livro sentir aquilo, aquele drama. Mudou o meu jeito de ler. Acho que foi basicamente isso. E também pensar na vida. E eu sempre tive ansiedade, mas agora tô tipo “agora eu tenho que aproveitar” e acho que teve isso de valorizar mais a vida, e eu to menos assim “ah, não vou me jogar nisso...”. E eu li esse livro quando eu tinha 13 anos, e quando você é menina e tem 13 anos sua vida vira um inferno, e eu era muito insegura e aí depois desse livro eu penso “não mano, eu tenho que viver as coisas” e eu acho que fiquei um pouco mais confiante, talvez, e em várias outras coisas. E eu começar a pensar mais em, não tenho que ligar para o que os outros pensam, eu tenho que viver a minha vida, eu tenho que aproveitar, e eu to assim nas coisas bestas. Nunca que eu vou provar essa coisa, e eu falo “quando que eu vou poder provar isso?” Tipo assim, meus amigos me chamam pra uns negócios totalmente aleatório e eu “não, tem que ir, tem que aproveitar”, sair de casa, aproveitar um pouco, eu gosto de pensar assim. Eu sempre fui muito sociável, mas eu sempre tive muito essa insegurança, mas acho que em parte de eu ter crescido, ter elaborado mais o que eu gostava, mas ah, eu também acho que eu aprendi usando esse livro, acho que foi um passo importante, e eu era muito insegura com tudo. Agora eu sou um pouco, mas eu penso “E daí? Eu tenho que viver e continuar vivendo.”

J: É muito legal saber que um livro provoca isso na gente.

R: É muito louco né...

J: E se você recebesse uma ligação da Central da Morte, nesse exato momento, o que você faria?

R: Acho que ir embora da escola, eu ia pedir pra minha mãe me buscar, porque eu estaria com medo de voltar a pé, eu acho que gostaria de ir no parque ibirapuera, tentar fazer alguma amiga minha me encontrar, não sei... acho que eu ia confessar pra pessoa que eu gosto. Talvez mandar mensagem para as pessoas que eu gosto, e eu acho que eu ia fazer uma piada com isso, de muito mal gosto, então acho que eu não sei, acho que eu ia tentar deixar tudo bem claro, eu quis

viver... Não deixar nenhuma pessoa mal, ficar com algum arrependimento, e tentar aproveitar enquanto ainda dá.

J: É, então agora seria duas horas da tarde, você iria xingar atendente até onde dava porque “como assim vocês não me ligaram meia noite?”.

R: Eu ia meter um processo, por descobrir que eu teria dez horas de vida.

ANEXO 5 - ENTREVISTA 2

TRANSCRIÇÃO

Como você conheceu esse livro? Quem te recomendou?

A: Ah, ano passado... acho que foi na escola, né... eu era do oitavo e a gente tinha que fazer uma recomendação dos livros. E você podia ver a pesquisa dos outros alunos também. E tinha esse aqui. Quando eu entrei aqui na escola eu tinha acabado de perder o meu pai... e... eu sabia um pouco a sinopse do livro, né... Eu acho que também foi muito impactante, a história foi muito impactante. Eu acho que também você se aprofunda nela... é assustador. Eu sabia que tinha aqui na biblioteca da escola, então eu pedi, e li em uma semana, acho que eu engoli esse livro.

Que ano que o seu pai faleceu?

A: Foi ano passado, na verdade... Foi logo no primeiro dia de aula, foi algo muito assustador, mas é uma questão muito complicada... Ele se suicidou... o que aconteceu foi que, naturalmente o corpo não morreu então ele ficou em estado vegetativo por muito tempo, então eu saí do país, voltei pro país, e quando a gente chegou ele acabou falecendo mesmo... Eu acho que esse livro foi um pouco a minha salvação. Eu também tava numa depressão. E duas coisas que me ajudaram a sair dessa depressão foi: pedir ajuda para as pessoas, porque eu não sabia fazer isso... E ler muito, eu lia muito nessa época. Então, era muito difícil pra processar tudo, era muito pra processar tudo de uma vez, parecia demais. Nesse livro, ao mesmo tempo foi um choque, porque eu sabia que ele ia me impactar de alguma forma ao ler a sinopse, o próprio título do livro você fica meio assim... Mas, foi algo que eu não esperava, sinceramente, porque na minha história, eu não vivia muito, parecida com o Mateo assim... Sabe, sei lá o que que eu tô fazendo aqui. Então, esse livro ao mesmo tempo que, muitas horas me deixou muito mal, foi a minha salvação, sei lá...

Você disse que você chegou a pedir ajuda... Como é que está isso? Você está frequentando psicólogo?

A: Psiquiatra, psicólogo... É... eu acho que tudo isso foi um processo, e... eu sou fascinada por psicologia. Queria fazer Pedagogia e Psicologia. Ao ver esse livro, ao me ver nele é como se eu conseguisse me curar pelos personagens... e profundamente me trouxe outras questões também... Então ele me trouxe uma perspectiva totalmente diferente, assim. Eles estão em um processo de luto, do próprio luto, do luto do outro. O autor faz uma coisa muito interessante nesse livro, de focar nas pessoas que ficam, e não exatamente nas pessoas que morrem, isso de você saber que você vai morrer, ao mesmo tempo que você comece o livro achando que vai ser a pior experiência que eles vão ter na vida, acaba sendo uma das melhores. E eles vivem uma vida naquele dia, eles vivem uma vida inteira, então ele me deu uma inspiração que a vida é muito mais do que a gente acha. Acho que a nossa cabeça é tão fechada às vezes, nas rotinas, no acordar, vir pra escola, nossos pequenos sofrimentos do dia a dia, a gente não vê como a vida é nova, vibrante e esse livro expande de uma forma que pra mim foi muito chocante. Foi tudo muito tratável ao longo do tempo, sabe?

Você teve alguma dificuldade para chegar até o fim do livro?

A: Com certeza... eu fiquei, na verdade não foi em uma semana, eu li em mais ou menos uns cinco dias assim... E eu percebia que eu estava chegando no fim e eu já sabia o que ia acontecer. Eu acho que uma coisa que eu faço com vários livros, só por conta que eu sou bem insegura enquanto eu começo, e eu tento evitar o final, porque eu não sei... eu fiquei pensando “como que eu vou viver sem isso?”, sabe? Esse livro foi meu apoio por tanto tempo e eu tinha medo de chegar no final e me deixar pior. Eu sou muito apegada nas coisas, então minha estabilidade emocional está nos livros e nas séries que eu assisto. E eu tava pensando como é que eu vou viver sem eles... Como que eu vou lidar com o luto deles. E foi algo muito complicado pra mim, mas algo muito revelador sobre quem sou eu no meio desse livro, sabe? Qual é a minha perspectiva sobre o livro. Foi muito choro, não vou mentir, mas ao mesmo tempo, foi um alívio, um alívio terminal, como se eu estivesse fechando um ciclo. E essa questão de eu ser apegada pelos livros eu acho que até como eu peguei da biblioteca tem que devolver... E se eu fosse recomendar um livro pra alguém, seria esse, não vou mentir. O modo como eles morrem, pra mim foi complicado de lidar... Eu senti uma parte de mim também morrendo, ao longo do livro. Foi um luto que eu tive que processar bastante, eu fiquei muito tempo impactada, era uma coisa que eu pensava o tempo todo. Só que olhando um pouco pra trás assim, olhando só o sofrimento

que eu passei com esse livro, eu vejo quantas coisas me marcam também, não é só sofrimento aquilo. Os dois morrem no final mas, antes da morte deles, o que que teve, sabe? Todo o processo de eles se conhecerem, as coisas que eles viveram naquele dia, as pessoas que eles interagiam, os amigos. É um ensinamento de como a gente deve levar a nossa vida, eu acho. Eu me imagino vivendo nesse mundo paralelo, e eu acho que eu viveria muito bem inicialmente. Sabendo que um dia alguém vai te ligar, e mesmo se não ligar, a morte acontece independente de ter aviso prévio ou não. Então eu tô tentando, acho que pra ter uma perspectiva diferente do mundo, porque tenho um pouco de raiva também, da gente viver nesse sistema capitalista e ter que ir pra escola, depois faculdade, depois trabalhar e... E milhares de coisas. Eu viveria muito mais intensamente a minha vida, com muito mais experiências. Mas isso eu não posso mudar, eu posso mudar poucas coisas, como eu vejo as coisas, comportamentos. Me importar menos com as coisas, acho que isso é crucial. Se você recebe essa ligação um dia, eu acho que não vai importar muito as provas que vieram antes, todas as atividades que você perdeu na escola. Eu não tô dando menos importância para educação, de jeito nenhum, mas as coisas que a gente leva... né?

Você começou a se cuidar mais?

A: Sim, muito mais... Acho que a gente dá pouca importância pra vida, assim... Como eu disse, essa questão da rotina, a gente não vê como valorizar pessoas, o aqui. O mundo que a gente vive é tão ansioso pro amanhã, pro depois de amanhã, que a gente não tá se importando tanto com o hoje. Cuidar não é só emocionalmente, não é só fisicamente, não é ir pra academia, é saber viver, que a gente não sabe... Eu sinceramente tenho muitos familiares que vivem nessa rotina, e a vida inteira eles não aprenderam. Eu acho que está sendo difícil pra cada geração entender o que é ser feliz. O que é encontrar pequenas felicidades no dia a dia, mesmo no sistema extremamente abusivo e explorador, mas também conseguir ser feliz, no geral. Então eu me aproveito demais, e escolho as coisas que eu gosto de fazer, e me abrio pra novas possibilidades e experiências, quase nunca dizendo não pras coisas. Medo de fazer alguma coisa errada e acabar arruinando a minha vida escolar, esse livro me impactou muito nisso, mas eu ainda tenho essa ansiedade. Mas a gente às vezes esquece. Mas me deu uma sensação de que eu precisava saber com os desafios, e ninguém vai fazer isso por você, é você por você. Você pode pedir ajuda pros outros mas, você é um ser único, você nasce sozinho e morre sozinho é a sua vida, não é a de ninguém. Quando eu decidi ler esse livro, eu sabia que alguma coisa ia mudar, mas eu não sabia que ia mudar o meu valor de viver, no dia a dia.

Você chegou a recomendar a leitura para outras pessoas?

A: Sim... eu acho que é um livro bem conhecido. Eu tentei recomendar para um amigo só que cada um achou o livro diferente. Essa questão do meu pai teve um impacto muito maior nesse livro do que eu acho que seria se não tivesse acontecido nada. Eu acredito que é um livro pra todos, eu tentei recomendar pros meus amigos, mas eles não gostaram e eu: “Tá, não tem problema...”. Mas esse livro eu acho que eu gostaria de ter lido em um momento que eu estivesse um pouco melhor, acho que eu conseguiria pensar mais claramente sobre as mensagens que esse livro passa. Porque eu só consegui ver depois de muito tempo, depois do processo de luto, quando as personagens morreram que eu consegui chorar, a amplitude da mensagem do livro. Eu consegui, mas se eu estivesse melhor seria mais rápido, então eu recomendaria para alguém que está emocionalmente estável. Mas eu acho que é uma leitura assim, principalmente para os adolescentes, de tipo, que vivem ligados na rede social. E pros mais velhos também, e pras pessoas que estão na rotina de trabalho, que desgasta até a última gota de energia do trabalho que estão fazendo. Nesse livro você se depara muito com: “O que eu tô fazendo aqui? Desculpa...”, “O que é o propósito da minha vida?”, “Como que eles viveram mais do que eu vivi em dois anos?”. Então... tudo, tudo... o romance, as experiências que eles passam, as risadas, o choro, os gritos, tudo que eles vivem alí, a gente também vai ter a possibilidade de viver, a gente só esquece disso às vezes.

No Google forms você disse que o sentimento “Viver” representava o livro, e por que você colocou essa palavra?

A: Viver, exatamente... Viver é sobre vida. Eles sabem que cada momento alí é precioso e eles só conseguem perceber isso depois da ligação. A gente devia entender que o momento da nossa vida é o agora. Eu acho que a gente escolhe sim, viver é gratificante... É muito, é acordar, olhar de manhã, e as pessoas que você ama também estarem ao seu lado, poder comer e sentir, e gritar e falar, ler, tudo isso... Tanta coisa e a gente vive reclamando da nossa vida o tempo todo. Não tem nada perfeito, obviamente, mas a gente faz tudo isso sem perceber a importância, e eles fazem sabendo que tem a importância. Eles sabem que esse é o último momento, e eles sabem que é a última vez que eles podem fazer isso, então eles fazem com a maior força de vontade, com a maior energia, e a gente tá fazendo isso? Eles ensinam muitas coisas.

Você acha que precisa saber viver para viver?

A: Eu acho que você pode passar uma vida sem saber viver, você pode... mas eu acho que seria muito mais interessante você saber viver vivendo. Desde muito tempo a gente é criado para trabalhar. A gente esquece que cada segundo é precioso. Você pode passar uma vida não querendo viver, eu tenho um monte de familiar que não gosta de sentir sentimento, que não muda a rotina, que não gosta de fazer nada novo, sair de casa. E eu não acho que a gente foi criado pra um propósito, eu acho que eu filosofei muito nisso, eu estudo filosofia por conta própria... tipo qual é o propósito disso tudo... e talvez não tenha nenhum propósito, sabe? Mas cada um tem seu propósito, você pode criar o seu propósito, viver por viver, então não precisa de nenhum motivo pra isso. Não é porque a gente aprende a lição que a gente nunca mais vai esquecer isso, eu acho. Mas só de pegar o livro, começaram a vir muitas lembranças de coisas que eu fiz porque na hora me perguntavam “Você quer sair? Você quer ir pra algum lugar?” em vez de responder não eu respondia sim, só pra eu conhecer, a experiências poderiam ser horríveis, mas pelo menos eu tinha uma experiência, sabe? Eu gosto de viver. Eu não sei se eu aprendi a viver, mesmo, mas eu espero que eu ainda consiga encontrar a minha presença no presente, consiga viver aqui. Eu acho que é um ápice de experiência de auto entendimento, um conhecimento. Eu acho que não aprendi isso, mas eu espero que ao longo do tempo eu consiga chegar nesse ponto. Eu acho que é idiotice que a gente vai ler uma vez e achar que “Não, agora eu vou ser pra sempre assim”. Você pode até ter um impacto na sua vida, mas não é tão simples assim. Você não vai falar pra uma criança parar de rabiscar a parede uma vez e ela vai parar, são repetidas vezes, vários ensinamentos.

Se você recebesse uma ligação da central da morte, hoje, agora, o que que você faria, de maneira geral?

A: Eu acho que é uma pergunta muito interessante, eu acho que eu falaria para as pessoas que eu tenho intimidade, primeiro, e... seria uma coisa muito complicada, e eu não saberia muito por onde começar, sabe? É interessante esse pensamento de receber a ligação... Eu acho que eu faria coisas que eu nunca me imaginaria fazendo, se eu sei que eu vou morrer de qualquer jeito, eu vou pichar a porta da minha casa, normalmente umas coisas assim... eu ia comer tudo que eu quisesse comer... eu tenho anorexia... então, esse livro me ajudou muito a passar por tudo que eu passei com o meu pai e pela anorexia. E quando essa ligação chegar eu acho que eu escreveria cartas, terminar umas pinturas que eu faço, pra não deixar desfeita, porque mesmo

sabendo que eu vou morrer, eu queria deixar alguma coisa que durasse, e eu não sei. Eu iria pra praia. Falar coisas que eu nunca me atreveria a falar pras pessoas. É que no momento eu não consigo, eu acho que eu não teria nem coragem de olhar pra pessoa se eu falasse essas coisas. Você teria muito mais coragem quando você sabe que não vai precisar lidar com os problemas depois, e é isso que eles fazem.